



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

O CORPO PERFEITO E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PSICO-SÓCIO-CULTURAL

CAROLINA SIQUEIRA RESENDE

BRASÍLIA
JUNHO/2006

CAROLINA SIQUEIRA RESENDE

O CORPO PERFEITO E SEU PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO PSICO-SÓCIO-CULTURAL

Monografia apresentada como requisito
para conclusão de curso de Psicologia do
UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília

Professora orientadora:

Dra. Carlene Maria Dias Tenório

Brasília/DF, Junho de 2006.

Aos meus amados pais, João Henrique e Neusimar, por me acompanharem em mais uma etapa. Ao meu irmão, João Paulo pelo auxílio. Ao meu namorado Fábio, pelo apoio e paciência.

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais e irmão pela força e dedicação. Agradeço ao meu namorado pelo apoio, aos amigos e familiares pelo incentivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
DESENVOLVIMENTO.....	8
I. A construção cultural do corpo.....	8
II. A Forma física como meio de interação social.....	12
III. O corpo como objeto de consumo e influência da mídia.....	16
IV. O culto ao corpo magro e hipermusculoso.....	22
V. O corpo e as desigualdades de gênero.....	28
VI. As bases psicodinâmicas e motivacionais da busca pelo corpo perfeito.....	33
VII. Os aspectos psico-sócio-culturais da busca pela perfeição corporal.....	45
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a busca do corpo perfeito e seu processo de construção psico-sócio-cultural. Para isso, a autora apresenta a partir de uma revisão bibliográfica as principais razões que levam as pessoas a buscarem a perfeição corporal na sociedade moderna. Pretende-se explorar o desenvolvimento da construção cultural do corpo, as diferenças de gênero, a influência da mídia, a apropriação do corpo como objeto de consumo, a utilização da forma física como meio de interação social e o culto ao corpo relacionado a padrões estéticos estabelecidos socialmente. Desta forma, a autora procura discutir essas considerações fazendo um paralelo com o conceito de narcisismo no processo de constituição do eu e na formação da identidade do sujeito.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios o homem se expressa a partir do corpo e submete-se a condições impostas por ele, que apesar de sua fragilidade natural é um instrumento de sobrevivência do ser. O homem depende de seu corpo, da consciência de possuí-lo e comanda-lo para apresentar-se ao mundo. O comportamento humano baseia-se em preceitos previamente estabelecidos pela sociedade, que, de certa forma, dita a direção do desejo que o sujeito deve seguir.

Antigamente, entedia-se corpo como uma herança genética, puramente biológica. O indivíduo não possuía autonomia para modificá-lo ao seu bel prazer, mas com o passar dos tempos, o corpo vem tomando forma e definindo-se, de acordo com a vontade do indivíduo.

Atualmente as pessoas buscam adquirir o corpo perfeito e idealizado pela sociedade no intuito de corresponder às expectativas da maioria que se tornaram individuais pelo processo de internalização e identificação. Desta forma, pretende-se analisar como ocorre o processo de construção do corpo perfeito em seus diversos aspectos. Sabe-se que o conceito de beleza está relacionado à idéia de saúde, vigor, bem-estar físico e mental e a noção de perfeição que tanto atrai a condição humana. Busca-se hoje em dia, a perfeição corporal, sem qualquer vestígio de imperfeições e aspectos desfavoráveis à estética do indivíduo ou que não corresponda aos parâmetros sociais de beleza ideal.

Com base nisso, através deste estudo a autora procura analisar o que motiva as pessoas a buscarem essa perfeição corporal tão almejada na época atual. Nessa corrida para se conquistar o corpo perfeito, as pessoas trabalham seus corpos na intenção de modificá-los e modelá-los segundo suas expectativas relacionadas ao belo. Hoje, o culto ao corpo magro e hipermusculoso estão relacionados à cultura da malhação prega a modificação do corpo a ser construído individualmente pelo sujeito por meio de um trabalho árduo de dedicação e esforço. O *body-building* e o *body-art e modification* são formas de tratar o corpo baseado na concepção de beleza e forma física desejáveis, e cada vez mais essas práticas se inserem no cotidiano das pessoas.

De uma forma ou de outra, as pessoas procuram realizar-se conquistando um espaço na categoria do belo, pertencente ao padrão estético aceito pela maioria. Neste sentido, a partir do desejo coletivo de aprimoramento do corpo, a mídia torna-se o elemento principal de disseminação do corpo perfeito, propagando a idéia de modificação do corpo como uma forma de realização pessoal nos diversos campos da vida social e afetiva do sujeito. Com isso,

pretende-se esclarecer o anseio das pessoas em adquirir a forma física ideal, como sendo, peça fundamental para interação do sujeito nas relações sociais.

Nos dias de hoje, o corpo é apropriado como produto e bem de consumo a ser difundido pela mídia. Para isso, a autora relaciona essa concepção de corpo como objeto de consumo ao controle social empregado pela mídia, que de certa forma dita a direção do desejo nas relações de gênero. Sendo assim, cabe explorar como os pressupostos sociais acerca dos papéis exercidos por homens e mulheres, se refletem na imagem corporal de ambos os sexos.

Neste trabalho, a autora considera os principais aspectos relacionados ao culto ao corpo ideal correlacionando-os com as bases psicodinâmicas e motivacionais da busca pela perfeição corporal. Neste sentido, a autora procura fazer uma reflexão sobre essa dinâmica psico-sócio-cultural que tanto se faz presente hoje em dia.

I A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO

Segundo Queiroz (1999), o corpo humano possui dois aspectos a serem considerados. Um deles está relacionado ao fato de constituir uma entidade biológica, natural, o primeiro instrumento do homem, submetendo-se as condições impostas pela natureza. Em contrapartida, o corpo é também objeto de domesticação e produto da cultura, sendo por ela apropriado e modelado.

Desta forma, torna-se impossível ignorar as dificuldades em separar o que se deve à natureza e aquilo que seria próprio a cultura no que se refere ao corpo, já que nele esses dois domínios aparecem de tal forma amalgamados que as suas dimensões instrumentais, técnicas, raramente se manifestam isoladas de aspectos expressivos ou simbólicos, assim como os comportamentos inatos trazem sempre a marca do aprendizado (*idem*).

De acordo com Crespo (1990), antigamente o corpo dependia da intervenção exterior, submetidos a condicionamentos previamente estabelecidos por uma hierarquia social através de técnicas utilizadas por uma minoria da população. Com o tempo, surgiam inovações a partir de uma política de saúde que abrangia exercícios físicos.

Naquele tempo, entendia-se o corpo como uma entidade biológica, resultado de uma herança genética concedida pelos antepassados do indivíduo, não dispoendo então, de capacidades para alcançar um estatuto diferente. Não havia possibilidade dos corpos se transformarem através de um trabalho sobre ele, de acordo com a própria vontade do indivíduo. (Crespo, 1990)

Com o surgimento da educação física e dos exercícios dedicados à conservação da saúde e eliminação da matéria prejudicial ao corpo, o indivíduo consegue ter autonomia para transformar seu corpo. O corpo, passa então, a ser visto como instrumento de seu próprio aperfeiçoamento e dependendo unicamente da capacidade e da vontade do indivíduo, possuindo potencialidades e força necessárias para sua construção, dando-lhe condições para ser o próprio instrumento de construção. Com base na construção do corpo por ele mesmo, a cultura exerce um papel de extrema relevância na produção e construção do corpo. (*idem*)

Na sociedade contemporânea, o corpo não é mais uma identidade intangível, a encarnação irreduzível do sujeito, o *ser-no-mundo*, mas uma construção, um objeto transitório e manipulável suscetível de vários emparelhamentos. (Le Breton, 2003) Para Rodrigues (1975), a cultura afeta o corpo estabelecendo normas a que o sujeito deve subordinar-se. O indivíduo tende a se comportar de forma coerente com a cultura em decorrência de castigos e

recompensas recebidos ao longo da vida, que o levam a se conformar, de forma a seguir padrões de comportamento previamente estabelecidos pela sociedade.

Em diversas culturas, o corpo e seus adereços, como pinturas, adornos e vestimentas, possuem valores e significados que colaboram para o entendimento sócio-cultural do comportamento manifestado pelo indivíduo. (Queiroz, 1999). O corpo de certo modo também representa a identidade do indivíduo, expressa sua individualidade. A forma de se mostrar perante a sociedade condiz com o significado que o sujeito atribui a ele mesmo.

Marcas deixadas no corpo, mutilações, cicatrizes, perfurações, cortes, transformações por meio químicos, como a tatuagem, são práticas exercidas por razões particulares, com sentido ritualístico ou estético, demonstrando características da vida social do indivíduo. (Rodrigues, 1975). Os indivíduos expressam a partir do corpo características próprias e pessoais, mas na maioria das vezes, essas expressões corporais possuem o consentimento da sociedade.

Como diz Queiroz (1999), o corpo humano passa por um processo de humanização sempre modificado pela cultura. Marcas deixadas no corpo, são sinais que constituem a identidade social do indivíduo, ao mesmo tempo que demonstram a condição autenticamente humana daqueles que a exibem.

Em geral, como diz Rodrigues (1975), as práticas realizadas no corpo são aceitas pela sociedade na qual o indivíduo está inserido. São práticas puramente sociais, signos compartilhados e aceitos pelo grupo. No entanto cabe lembrar que alguns indivíduos por outro lado, transgridem as normas e seguem padrões criados por eles mesmos. Essa produção corporal, seja para seguir uma conduta imposta ou para transgredi-la, está relacionado aos aspectos individuais e coletivos.

A produção do corpo acontece tanto no coletivo quanto no individual. O indivíduo apesar de ser produto da cultura também reage a ela, aceitando, resistindo, negociando ou transgredindo. Então, seguindo este pressuposto, pode-se pensar, que o corpo se produz historicamente, sendo produto do momento atual em que vivemos. (Louro, Neckel e Goellner, 2003). A época está estritamente relacionada à forma das pessoas se comportarem, reagirem e se expressarem corporalmente, como por exemplo a moda, que estabelece formas de expressão corporal, estética e até mesmo, ditam a forma física ideal. Antigamente o corpo era praticamente todo tampado por vestimentas e hoje aceita-se o uso de roupas que mostram de forma saliente certas partes do corpo para ressaltar a beleza. Ter o corpo coberto por vestimentas pesadas era uma forma de demonstrar o *glamour*, a riqueza, mulheres ricas

vestiam-se segundo as normas estéticas e de etiqueta. O espartilho, por exemplo, tinha a função de modelar o corpo para deixá-lo esbelto, sob a forma perfeita.

Segundo Garcia (2005), pode-se verificar nos diferentes períodos da história, a expressão do homem na arte e na cultura a partir do corpo. Sabe-se que o conceito de belo, desde os primórdios até os dias de hoje, está relacionado ao corpo perfeito, jovem, saudável e forte.

A beleza corporal é definida por cada cultura a sua maneira, da mesma forma acontece com a classificação e a avaliação das diferentes partes do corpo e suas freqüentes associações com determinados atributos, que podem ser considerados positivos ou negativos (Queiroz, 1999).

Algumas culturas elegem uma parte do corpo e a valorizam por sua beleza. No Brasil, por exemplo, a bunda é a parte do corpo feminino mais visada pelos homens, estando no topo da escala da beleza. Já nos Estados Unidos, os seios é a parte mais valorizada e ainda, na China, os pés são ícones da beleza feminina.

Há uma gama imensa de diferentes culturas que atribuem aspectos positivos ou negativos ao conceito de beleza. O que para uma determinada cultura é considerado belo para outra pode ser extremamente repulsivo. Em algumas culturas, por exemplo, a cicatriz é considerada atraente, enquanto em outras, as pessoas procuram fazer cirurgias para eliminá-las.

Louro, Neckel e Goellner (2003), asseguram que apesar do corpo possuir identidade própria, não pode em si evidenciar seguramente sua identidade. O sujeito além de alterar o corpo, experimenta intervenções mais drásticas do que em outras épocas. Hoje, há um investimento em cosméticos, tatuagens, próteses, plásticas, dietas, hormônios, modelagens, entre outros, que problematizam a pretensão de tornar o corpo estável e natural.

Como diz Le Breton (2003), “o corpo é muitas vezes considerado pela tecnologia como um rascunho a ser retificado, senão o nível da espécie, pelo menos no nível do indivíduo, uma matéria-prima a ser arranjada de outra forma.”. O autor comenta que a sociedade contemporânea consagra o corpo como um emblema de si. A pessoa é julgada e classificada a partir do corpo que possui.

Esse momento de instabilidade que as pessoas experimentam pode ser perturbadora, mas há indivíduos que assumem abertamente suas escolhas. São pessoas que não buscam ser “aceitas” ou “enquadradas” por uma lógica formal, pelo contrário, assumem-se com estranhos e excêntricos. (Louro, Neckel e Goellner, 2003)

Na opinião de Furlani (2003), enquanto alguns procedimentos feitos no corpo, como tatuagens e *piercings*, são contestados por algumas pessoas, outras aderem a essas práticas como uma forma de decorar o próprio corpo para demonstrar atitude e controle de sua própria vida.

Como diz Le Breton (2003), “a marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele, fixa um batente na busca de significado e de identidade, é uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma em uma identidade escolhida” (p. 40). O indivíduo busca autonomia para escolher e colocar em prática sua própria identidade sem interferências alheias, assume abertamente um significado atribuído por ele mesmo.

De acordo com Furlani (2003), o uso do *piercing* surgiu propositalmente como uma forma de contestar os padrões tidos como “normais” e demonstrar uma tomada de atitude em assumir que são diferentes, únicos e excêntricos.

II A FORMA FÍSICA COMO MEIO DE INTERAÇÃO SOCIAL

Le Breton (1995), afirma que o corpo é individual, separa um indivíduo do outro, o corpo de um não se mistura ao de outro, sendo assim, há uma separação da identidade pessoal do indivíduo que pertence ao social com uma função precisa e determinada pelo meio, sem eliminar os limites identificadores do eu e do outro para que não ocorra dúvidas em relação a si e ao outro.

Segundo o mesmo autor, a homem, com sua identidade, possui uma igualdade com seu corpo, implicando em uma igualdade consigo mesmo. O homem pertence a uma condição corporal. Para Le Breton (1995), a alteração corporal representa uma alteração moral do homem. O julgamento e o olhar do outro sobre ele pode gerar até mesmo violência. Apenas uma pessoa comum não corre esse risco e não demonstra qualquer indiscrição.

As marcas corporais objetivam o olhar, seja o olhar do outro ou o olhar daqueles cuja cumplicidade se busca. O sujeito trata o corpo como uma peça de afirmação social, a partir de manipulações de si. (Le Breton, 2003). O corpo faz parte de uma relação do sujeito com o outro, é responsável pela construção da identidade individual e social. A imagem corporal é capaz de confirmar a identidade individual a partir do social, que de certo modo direciona o comportamento do sujeito.

A partir do próprio corpo, o indivíduo se reconhece e se relaciona com outras pessoas. O corpo está ligado a crenças e sentimentos que servem de base para vida social do indivíduo. (Rodrigues, 1975). O corpo torna-se instrumento mediador das relações sociais do sujeito, é integrante essencial à constituição do próprio eu do indivíduo. A aparência corporal tem o poder de influenciar as pessoas. A imagem considerada pelo outro como boa, como ideal, é aquela que corresponde ao perfil idealizado pela sociedade. Espera-se que o outro não seja diferente daquilo que se deseja, se ele não for capaz de corresponder às expectativas de um ideal, então não é valorizado, a boa aparência significa para a maioria das pessoas qualidades que definem o bom caráter do indivíduo.

Segundo Apfeldorfer (1995), as pessoas com boa aparência, tanto homens como mulheres, são favorecidos por serem mais bem tratados e valorizados, considerados como pessoas amáveis e mais dotadas. Como salienta Louro, Nechel e Goelher (2003), o processo de individualização da produção da aparência expressam a identidade e personalidade do sujeito, assim como, suas virtudes e defeitos. Nota-se que o eu é construído a partir de premissas culturais que também expressam a individualidade e singularidade do sujeito.

Como o corpo está inserido socialmente, toda transformação e modificação do corpo pode causar estranhamento e ameaçar a interação do sujeito com seu meio. A alteração da forma é incompatível com o que é comum aos olhos do outro e gera certa incoerência ao que é visível na forma física da grande maioria.

As relações afetivas são colocadas em prova quando o indivíduo não se adequa aos parâmetros sociais da ditadura da boa forma, que atingem a todos como uma condição para ser aceito em um grupo, como se isso fosse indicativo de que o indivíduo, com todos os predicados desejáveis, possuísse uma fórmula de bem-estar para com o outro e consigo mesmo de forma a estar apto para manter um relacionamento saudável.

O rompimento amoroso em detrimento de uma falta, de uma inadequação, justifica o desejo das pessoas em esculpir o corpo, para ser enquadrado a um ideal aceito e comum a maioria das pessoas. Desta forma, as pessoas procuram ser aceitas e desejadas a custo de se entregarem, se oferecerem como mercadoria. Como diz Le Breton (2003), “o corpo é um jogo de amar, suscetível a todos os arranjos de combinações insólitas com outros corpos, ou a experimentações surpreendentes” (p. 61)

O sujeito ameaçado por suas relações sociais, precisa investir no seu corpo, para que ele seja perfeito ou será responsável pelo fiasco de suas relações, como por exemplo, a mulher responsável pelo fracasso de seu casamento. (Baudrillard, 2003). Investe-se no corpo toda a responsabilidade para se alcançar o sucesso de suas relações sociais. O corpo representa um todo capaz de superar possíveis frustrações que o sujeito possa vir a sofrer.

Desta forma, o corpo pode também, representar sucesso, *status* e dinheiro, estando diretamente relacionado à busca pelo “corpo perfeito e em forma”. O corpo do indivíduo faz parte do universo simbólico do grupo. Desta forma, a interação social e as relações do sujeito, dependem da forma ostentada pelo corpo (Goldenberg, 2002) O corpo em forma possui um significado que expressa as potencialidades do sujeito, ou seja, demonstra os predicados, os pontos positivos da personalidade do sujeito.

Segundo Goldenberg (2002), as relações sociais realizadas nas academias de ginásticas e musculação estão relacionadas à forma física, constituindo um item fundamental de interação social, de forma a existir rigorosas normas estéticas nas quais os indivíduos tentam, a qualquer custo enquadrar seus corpos. Salienta também, que o padrão corporal constituído dessas normas consiste em ressaltar determinadas partes do corpo, desenvolvendo músculos e enrijecendo-os, “levantando” seios e nádegas, tornando forte e ampla a musculatura sob uma porcentagem cada vez menor de gordura. A imagem de força, beleza e juventude se torna sinônimo de saúde, ou melhor, a saúde está submetida a estética, o que

pode significar que não estar “em forma”, não compartilhar às práticas do grupo, é estar sem saúde, e, por conseguinte, excluído de sua convivência.

O sujeito trata o corpo como uma peça de afirmação social, a partir de manipulações de si. (Le Breton, 2003). A partir da transformação do corpo, o sujeito consegue atingir seus objetivos de pertencer a um determinado grupo. Conquistar um corpo perfeito significa conquistar a aprovação do outro. O consentimento e aprovação do outro, supri as carências do indivíduo, ser igual é pertencer à categoria do ser amado, do ser aceito.

Segundo Castilho (2001), a aparência física pode ser um indicador de esteriótipo do que bom e do que é ruim, por exemplo, aquilo que é bonito é bom, enquanto o que é feio é ruim. Desta forma, os indivíduos acreditam que pessoas bonitas possuem virtudes em detrimento de outros não muito atraentes. Pertencer a esse esteriótipo do belo é o que a maioria das pessoas almejam, mas alcançar o estatuto da beleza significa trabalhar arduamente para alcançar esse objetivo.

Cabe aos indivíduos o autocontrole constante de sua aparência que provoca um comportamento de olhar o corpo do outro e seu próprio corpo de forma a classificá-lo esteticamente como aceito ou não. (Golgenberg, 2002). Então, pode-se pensar que a partir de comparações entre corpos, o sujeito volta-se a si mesmo como uma reprodução do outro, como uma cópia do que é socialmente aceito.

Segundo Le Breton (2003), a mudança do corpo pode significar uma insatisfação por não ser possível mudar as condições de existência. O corpo é a variável de uma identidade escolhida de acordo com a proclamação momentânea de si. O autor salienta que:

A vontade está na preocupação de modificar o olhar sobre si e o olhar dos outros a fim de sentir-se plenamente. Ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade. A cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo (p. 30)

O corpo passa a ser um elemento material de sua presença, sem identidade, deixando de responder à unidade fenomenológica do homem. Somente depois de um trabalho de sobre-significação que se conduz à reivindicação de si. Pretende-se mudar a vida a partir da transformação do corpo. (Le Breton, 2003)

Castilho (2001), enfatiza a importância em fortalecer a relação da pessoa com o seu próprio corpo, a percepção e a imagem que a pessoa tem de si mesma. A aparência é um

aspecto de quem a pessoa é e por isso que não pode ser ignorada. Para o autor, a imagem corporal, é como uma impressão digital, única a cada indivíduo, assim como sua experiência corporal.

III O CORPO COMO OBJETO DE CONSUMO E INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Na sociedade atual, é importante considerar a influência dos meios de comunicação e especialmente da mídia no processo de construção da identidade corporal. Segundo Guareschi (1993), a comunicação como meio de transmissão de informações torna-se um instrumento de dominação e controle social. A partir da consciência do outro, é introjetado nos grupos, práticas de dominação. Essas práticas de dominação não são contestadas ou questionadas, são simplesmente aceitas. As informações são transmitidas e a sociedade silenciosamente e de forma passiva assimila o que é transmitido.

Meios de comunicação são responsáveis pela disseminação do corpo como objeto de consumo. A televisão, com a ajuda da mídia e da publicidade, divulga a beleza e a forma física como produtos aceitos e sustentados pela sociedade que visa o consumo, mesmo a custo da exploração da imagem corporal como produto a ser vendido e integrado ao mercado.

No início do século XX, o pensamento do puritanismo consistia no fato da pessoa cuidar do próprio corpo para que sua alma fosse salva, no sentido de guardá-lo, preservá-lo contra as impurezas dos desejos carnis e do pecado original. Com o tempo, nasceu à idéia de perfectibilidade humana e com isso uma nova influência social. Cuidar do corpo passa a ser um prioridade, envolver-se com ele a fim de retratá-lo de modo impecável. Trata-se de um momento de observar, tocar e entrar em contato com o corpo, de sentir o que este está para oferecer. (Courtine, 1995)

Se antes, no período de puritanismo, foram feitos enormes esforços para convencer as pessoas de que não tinham corpo, pois este era ignorado, percebe-se que hoje, ele é reconhecido e existe uma tentativa em convencer as pessoas de que o corpo é central em suas existências e afetos. (Goldenberg, 2002)

Desse modo, o corpo desempenha a função não só de ser responsável pela vida afetiva do sujeito, mas de ser um objeto de investimento e um meio de manipulação psíquica, através da mídia, no sentido de atender aos interesses comerciais de empresas que promovem a indústria da beleza. (Baudrillard, 2003)

Goldenberg (2002), afirma que a beleza e a forma física deixam de ser valorizadas como uma obra da natureza divina e passam a ser percebidas pelos indivíduos como algo a ser trabalhado sobre si mesmo, pesando-lhes responsabilidades por sua aparência física.

Para Baudrillard (2003), todo o investimento, quase obsessivo, do sujeito em si mesmo, faz com que o corpo seja visto como um objeto a ser administrado, monitorado, como um instrumento de prestígio a ser explorado.

Enfim, tratando-se da responsabilidade do sujeito pelo seu corpo e suas transformações a partir de um processo de autoconstrução, a mídia e principalmente a publicidade, exercem um papel de grande importância. O corpo é destacado como um objeto de consumo, que faz parte de um estilo de vida tornando o consumidor insatisfeito com sua aparência (Lasch, 1983 in Goldenberg, 2002).

Baudrillard (2003), diz que, em decorrência dos tempos atuais de produção e consumo, o corpo possui duas práticas: o corpo como “capital” e como “feitiço” (objeto de consumo). Em qualquer uma das práticas, o corpo precisa investir tanto no aspecto econômico, quanto na concepção psíquica do termo.

O corpo ao mesmo tempo que é fonte de investimento comercial, é também objeto de exploração. É um objeto exposto à comercialização, como uma matéria que está a venda. Procura-se persuadir o cliente a comprar algo que possui, seu próprio corpo, mas o que se pretende vender é um corpo perfeito. O foco em questão, é convencer as pessoas que precisam conquistar um corpo ideal, sem defeitos a qualquer custo. Isso implica, na pessoa almejar algo que pode ser prejudicial ao seu bem estar psíquico, por uma obrigação de investir no seu próprio corpo.

Segundo Courtine (1995), os anos 80, foi um período destinado a indústria do músculo e do consumo de bens e serviços associados à manutenção do corpo. Surgiram aparelhos de musculação, revistas especializadas em boa forma, suplementos nutricionais e regimes alimentares. Com isso, ocorreu a sofisticação dos meios que favorecem a produção da forma física, como por exemplo, aparelhos capazes de medir pulsações e ritmos, com o objetivo de combater a dor do esforço e o tédio da rotina.

Este autor acrescenta ainda que a cultura do *body-building*, da malhação, adere à construção da massa corporal que constitui o consumo e a necessidade do gasto voltado numa sociedade de consumo. Com o surgimento do *body-building*, o indivíduo torna-se “gestor de seu próprio corpo”. O *body building* é um termo que descreve a construção da massa muscular e está relacionada a idéia de construção do corpo que permite a hipervalorização e perfectibilidade da construção corporal.

Um corpo flácido, com gorduras é tomado como símbolo da indisciplina, desleixo, da preguiça e até mesmo da falta de virtude, sendo considerada, uma falta de investimento do indivíduo em si mesmo (Goldenberg, 2002). O sujeito é cobrado direta ou indiretamente a ter

um corpo saudável que traduza também o conceito de belo. Se por um acaso não conseguir adquirir o corpo que deseja, passa a ser considerado como uma pessoa que não cuida de si, sendo que, cuidar de si mesmo, segundo essa concepção, é estar de bem com o próprio corpo.

Vilhaça e Góes (1998), propõem que na sociedade atual de consumo e produção, a percepção do corpo está a mercê de imagens propostas por padrões de representação corporal. Segundo os autores, o corpo “construído”, visto como objeto público é um conceito relativamente moderno. A mídia lança imagens que induzem o sujeito a acreditar naquele padrão de corpo perfeito que depende do empenho do sujeito em trabalhar na construção de seu próprio corpo.

Garcia (2005), enfatiza que as marcas da cultura atual potencializam a ditadura da “boa forma” e o corpo no contemporâneo demonstra sua força material, já que a cultura da “boa forma” constitui um modelo em alta no mercado de bens e serviços. O corpo parece determinar e instaurar a identidade cultural pós-moderna, por meio de classificações de gênero, já saturadas, classe social ou faixa etária. A mídia também, cria novas condições que se adaptam a este modelo.

Deve-se considerar que a publicidade não é a única com poder de mostrar as preocupações obsessivas com a aparência. Programas televisivos, como novelas e reportagens de jornais e revistas também trazem essa preocupação com o corpo. Tal exigência acaba atingindo os simples mortais, bombardeados cotidianamente por imagens de rostos e corpos perfeitos, mas de forma aparentemente desinteressada, camuflada (Goldenberg, 2002).

Essa exigência, em que o sujeito precisa manter-se “congelado”, inalterado, sem envelhecer e ainda precisa exhibir-se sem nenhuma imperfeição, demonstra que a beleza é imposta, de forma não muito clara, como um padrão idealizado a ser seguido. O sujeito recolhe todas as mensagens sem se dar conta de que está sendo influenciado por uma idéia compartilhada pelo mercado que visa lucrar a partir de um ideal de corpo perfeito imposto por ele mesmo.

Bourdieu (1989), *apud* Goldenberg (2002), considera este tipo de mensagem como “ilusões bem fundamentadas”. Ilusões que, segundo o autor, ao serem intermediadas por especialistas possuidores de um discurso científico, como médicos, psicólogos, educadores físicos, entre outros, prometem perfeição estética, desde que sejam cumpridas e consideradas com rigor suas orientações, sendo muitas vezes contraditórias.

O constante desnudamento do corpo, principalmente, do corpo feminino, está associado ao “culto ao corpo”, como nomeia a mídia, que significa a exaltação da beleza física em si, sem estar relacionados a atributos morais. Duas frases retiradas da revista Nova,

Abril, nº 18, em maio de 1999, demonstram bem esse processo. A primeira frase, inscrita na capa de uma revista dedicada ao culto do corpo, dizia: “Como deixar cada pedacinho do seu corpo macio, cheiroso, gostoso de pegar. Mais, mais e mais...” e a segunda foi transcrita de uma faixa colocada na frente de uma academia de ginástica, em São Paulo, com o objetivo de atrair clientela: “Esculpa já seu corpo para receber o verão (ambos os sexos)” (Queiroz, 1999).

Os trechos destacados, merecem destaque em três pontos: o primeiro diz respeito à apologia estética do desnudamento do corpo, com forte apelo erótico, numa construção somática que o aproxima do modelo da escultura; o segundo remete a um novo remapeamento do corpo, dividindo-o em pedaços revalorizados esteticamente e redefinindo os limites, as fronteiras entre áreas proibidas e não-proibidas. Nesse remapeamento, nessa revalorização de pedaços, alguns ganham maior expressividade, como, por exemplo, a bunda, uma das partes convexas do baixo corporal. Enquanto o terceiro ponto refere-se ao fato de que essa apologia, que historicamente se afirma a partir de uma perspectiva machista e simplificadora, decalcada que na crônica de exaltação estética do corpo feminino, não se reduz apenas ao mundo das mulheres. (*idem*)

A exposição do corpo feminino com forte apelo erótico pode estar relacionado ao fato dos homens buscarem assumir um produto que está associado a um estímulo visual de sua satisfação. Alberoni (1997), afirma que o erotismo masculino é mais visual, mais genital, enquanto, as mulheres estão mais interessadas no que é tátil, muscular, auditivo, nos odores, na pele e no contato. Os homens percebem a beleza feminina com o olhar erótico e não com o estético. O olhar erótico é fetichista, ver a mulher como um todo e analisa-la não lhes interessam, mas ver a mulher nua, significa ver tudo, sem restar nada a ser descoberto.

De acordo com Shaw (2003), o uso do corpo feminino em propagandas é muito mais exposto e menos coberto do que o corpo masculino. A mulher muito mais que o homem, é treinada para servir o outro. Por conseguinte, o corpo da mulher é exposto como uma mercadoria pronta para servir o consumidor. Esse treinamento social que envolve também a dimensão psicológica da mulher, torna-se parte da identidade feminina refletida em seus diversos papéis sociais. A mulher é acostumada a servir em diversas situações, como por exemplo, no seu ambiente de trabalho e no seu reduto familiar.

Sartre (1958), *apud* Shaw (2003), diz que em virtude do outro nos ver como objeto, nos julgamos como julgamos um objeto. Sartre salienta que o outro existe separado e independente do eu. Sendo assim, o outro revela-se a si mesmo como um objeto na imagem ou no julgamento de si que aprende a se ver como um objeto.

Deve-se então, considerar que a exposição de corpos femininos é vivenciada como uma forma de exploração, seja por um ideal culturalmente construído com base na idéia de que a mulher está sempre apta a servir, tornando-se um objeto de consumo ou por um ideal de beleza, que como a própria palavra diz, é um ideal, que sem ele a mulher pode sentir-se inadequada, errada, inapropriada e menos atraente.

A imagem da mulher têm sido explorada pela mídia em papéis estereotipados que além de exporem a imagem feminina de forma discriminada como objeto sexual, utilizam seu corpo como uma imagem ideal a ser perseguida por elas mesmas.

A exploração da imagem do corpo feminino acontece em diversas culturas. Uma parte do corpo é exaltada por uma determinada comunidade como atraente e com base nisso, elegem tal parte do corpo como preferencial seguindo um padrão de beleza compartilhado em comum acordo entre eles.

Na China, por exemplo, os pés extremamente pequenos são considerados belos e com alto valor estético. Para os pés ficarem desproporcionalmente pequenos, as mulheres se submetem ao grande esforço de enfaixar os pés para que fiquem pequenos, técnica essa utilizada, que gera intensa dor. Trata-se de uma tradição secular, considerada pelos homens, como eroticamente estimulante (Furlani, 2003).

Queiroz (1999) considera atualmente, que na sociedade brasileira, a parte do corpo mais valorizada na redefinição da topografia simbólica é a bunda, também chamada eufemisticamente de “bumbum”, expressão mais aceita pela sociedade. No Brasil, a bunda é vista pelo imaginário popular como “preferência nacional” ao que se refere ao plano erótico. Enquanto nos Estados Unidos, a preferência é pelo seio farto que, segundo alguns críticos, está relacionado ao complexo de mama e a valorização de uma das partes mais nobres do corpo da fêmea, em decorrência a sua associação à preservação da vida, via amamentação.

De acordo com Queiroz (1999), a palavra nádega, foi rebatizada para ocorrer um processo simbólico de desanimalização dessa parte do corpo. “Bunda” é o vocábulo da língua portuguesa que substitui o termo “rabo”, usado até hoje em Portugal, onde encontra-se mensagens publicitárias divulgadas pela mídia desse país. A palavra “rabo”, como sinônimo de “nádegas”, sobrevive atualmente no Brasil rural e urbano apenas como apelo aos domínios da agressão verbal e do erótico grosseiro. Sendo assim, esta é uma expressão que rebaixa a moral do “outro”, pois o compara ao plano animalesco.

Este mesmo autor constata que a bunda, sendo ou não uma preferência nacional, sustentada pela mídia ou não, é a parte do corpo, tanto feminina quanto masculina, mais

almejada por esse processo de construção escultural do corpo no Brasil urbano. (Queiroz, 1999).

IV O CULTO AO CORPO MAGRO E HIPERMUSCULOSO

Garcia (2005) observa que a sociedade a cada dia que passa busca mais e mais o consumo exagerado de produtos que visam retardar o envelhecimento a partir de cirurgias, implantes de silicone, tratamentos estéticos para pele, cabelos e rosto. Há uma busca cada vez maior das pessoas por procuram fazer exercícios físicos em parques e academias de ginástica e musculação. No entanto, na tentativa de preparar o corpo e transformá-lo em um corpo “perfeito”, ocorre o deslocamento da imagem corporal.

Para Garcia (2005), a imagem do corpo contemporâneo impregna-se de transformações e/ou deformações biotecnológicas e socioculturais. Cada vez mais no nosso dia a dia, o corpo vem tomando espaço e sendo alvo de discussões sobre alterações artificiais de próteses, exercícios de musculação e tratamentos estéticos para homens e mulheres. A alteração artificial implica em um processo de desmembramento do corpo que por sua vez está ligado ao desejo da pessoa. O corpo é modificado parte por parte, membro por membro a fim de satisfazer a anseio do indivíduo por adquirir um corpo ideal.

Segundo Furlani (2003), numa sociedade, em que as pessoas encontram-se angustiadas e insatisfeitas com seu corpo, fica fácil perceber características indesejáveis, que não se enquadram dentro da estética definida pela sociedade. Talvez essa insatisfação esteja relacionada ao emocional ao que faz parte da essência do sujeito não propriamente da aparência física. Estar bem consigo mesmo implica em aceitar plenamente a verdadeira imagem de si. Modificar o corpo pode causar a transformação do eu, da imagem autêntica do sujeito responsável pela constituição da identidade individual do indivíduo.

Garcia (2005) explica que o corpo que sofre retoques, reparos, modificações deixa de ser um corpo humano para abrigar outra morada. Assim, transformam ou deformam o corpo em objeto visual elástico que, ao ser manipulado pela engenharia genética e a biotecnologia, (re) condiciona agentes operacionais de argumentos discursivos. O corpo, após tantas modificações, pode gerar um estranhamento da pessoa em relação a si mesma, em não conseguir identificar o seu próprio eu.

De acordo com Castro (2003) *apud* Garcia (2005): Culto ao corpo está sendo entendido aqui como um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividade

física, mas também as dietas, as cirurgias práticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo que responda à preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável.

Desse modo, o culto ao corpo, hoje em dia, está basicamente ligado a duas formas distintas de tratamento: a medicina e a ginástica. As duas formas tratam o corpo biológico para permitir a implementação visual que agrada o seu próprio dono, contudo, esses tratamentos elaboram uma série de inquietações que propiciam as mais diversas incursões, como por exemplo, afetar o psiquismo do sujeito, que mesmo mudando a aparência não se agrada com a transformação ou não sacia seu desejo de modelar a aparência. (Garcia, 2005). A busca pela forma física ideal pode gerar uma obsessão que não é capaz de preencher a falta constituinte do sujeito. O ser humano está sempre buscando algo a mais, a satisfação plena, é movido por uma pulsão de vida que o faz crescer. A idéia de saciar-se com pouco ou após a realização de algo muito desejado, faz com que o sujeito estacione sua esperança tão importante para a sua sobrevivência.

Todos procuram saciar seu desejo de alguma forma. Nos tempos atuais, o corpo vem ocupando um lugar de destaque. O corpo considerado belo atualmente possui basicamente duas formas: o corpo hipermusculoso e o corpo hipermagro. Lipovetsky (2000) salienta que o corpo magro ocupa um lugar de grande importância ao público feminino. Nos periódicos femininos são encontrados “guias de magreza”, em sessões que expõe vantagens sobre alimentação equilibrada, por receitas leves e exercícios de manutenção e modelagem do corpo. Cada vez mais, a publicidade enfatiza o uso de produtos emagrecedores.

O critério de beleza muitas vezes é encarado como um aspecto essencialmente feminino. Mulheres magras e belas são consideradas mais femininas do que mulheres gordas, que são consideradas mais masculinas. Além disso, a feminilidade e a forma esbelta, são extremamente valorizadas pela mulher, porque exercem influência em suas relações profissionais e sociais contribuindo para identidade e imagem que possui de si mesma. (Apfeldorfer, 1995). Como foi dito anteriormente, a aparência física desejada pela maioria, envolve predicados de beleza que atribuem aspectos positivos as pessoas cujo corpo magro e belo está relacionado ao que é bom, enquanto o que é feio denota uma impressão ruim.

Para esse autor, a busca pela magreza é uma forma da mulher se afirmar e desenvolver sua identidade. Para isso, as mulheres tentam alcançar um peso inferior ao que é natural ao seu corpo, seguindo restrições alimentares para manter-se enquadrada em um peso corporal ditado pelo ideal de beleza. Há de fato um molde corporal sob o qual todas as mulheres devem submeter-se, enquadrando-se em um tamanho de vestimenta estipulado pela moda. As modelos, por exemplo, devem a qualquer custo vestir o n° 38 ou tamanho “p” se quiserem

exercer a profissão e com isso muitas mulheres, guiadas por esse padrão estético, aderem a essa moda.

Para Cury (2005), a busca por um padrão de beleza afeta, principalmente, milhares de mulheres que desejam ser como as modelos que ditam a moda. O culto ao corpo supermagro afeta a auto-estima e a auto-imagem das pessoas, tanto de mulheres e homens, quanto de crianças. Esse padrão de beleza que influencia várias pessoas, o autor nomeia de psicose social coletiva, em que a mídia é a principal encarregada por difundir esta idéia.

A obsessão por um corpo magro, a partir de regimes e atividades físicas, até mesmo, pela procura de cirurgias plásticas demonstra um conformismo em massa que foge de um ideal individualista. Existe um desejo de conformidade estética maior que os parâmetros individuais. (Lipovetsky, 2000). Essa conformidade barra o senso crítico das pessoas, que passam a não distinguir e separar o que tange a elas e o que de forma camuflada mostra-se a partir de informações massificadas que vão além de suas convicções.

Algumas pessoas, principalmente mulheres, para manter o peso, se submetem à regimes que chegam a ser nocivos a saúde ou até mesmo evitam se alimentar, chegando, às vezes, a desenvolver um quadro de anorexia que é caracterizada pela perda de apetite alimentar, deliberada limitação da quantidade de alimento consumido, perda de peso e amenorréia, afetando principalmente adolescentes do sexo feminino.

As modelos para não colocarem seu trabalho, sua carreira em risco, seguem moldes corporais que se encaixam no mundo da moda. Elas precisam emagrecer abruptamente, ficando muitas vezes abaixo de seu peso ideal. Cury (2005) salienta, que as modelos além de seguirem um padrão de beleza fora do comum e estarem sempre maquiadas, ainda vêm seus “defeitos”, como, celulite, manchas, estrias, verrugas, sardas, serem corrigidas por computação gráfica, de forma a contribuir para que essa imagem moldada artificialmente produza um padrão tirânico de beleza. As modelos passam a desejar essa beleza artificial.

A cobiça pela beleza, sem imperfeições, muitas vezes inatingível, pode gerar graves conseqüências à saúde, a auto-estima, a auto-imagem e ao psiquismo. Bidaud (1998) explica que a anoréxica alega seu desejo de emagrecer para justificar sua recusa de comer. Suporta o sacrifício das dores e da fome para obter um corpo ideal. Além de se deparar com o risco de não se sentir satisfeita, sentir-se limitada, sem capacidade de mudar, passa a detestar seu corpo.

Outra conseqüência a ser considerada é a bulimia. Para Cabral e Nick (2001), a bulimia é caracterizada por um apetite voraz, frequentemente originado por causas psíquicas, que pode levar a um sentimento de culpa, por ter comido em excesso, levando a pessoa a

provocar vômitos. A bulímica, ao comer compulsivamente, sente-se culpada e em decorrência disso, provoca o vômito, como uma forma de eliminar sua culpa. Sendo assim, esse comportamento de comer em demasia e vomitar em seguida, torna-se um ritual, um ciclo vicioso.

Seguindo este raciocínio, em geral, a grande inimiga da “boa forma”, é a gordura, que atrapalha a ostentação de pessoas que almejam possuir um corpo “sarado”, ícone da “cultura da malhação”. Nesta cultura, que possui uma hierarquia com base na forma física, é preciso construir um corpo musculoso, firme e tônico sem nenhum indício de relaxamento ou moleza. (Lipovetsky, 2000 *apud* Goldenberg 2002).

Castilho (2001) sugere que a insatisfação com o corpo leva as pessoas a produzirem mudanças no corpo, obtendo um físico magro com tônus muscular mais rígido, seios maiores, rosto mais jovem, etc. Esforços repetitivos acontecem para controlar a aparência. Muitos indivíduos permanecem presos a vários rituais para manter-se bem, com uma aparência satisfatória, para que isso ocorra, fazem esforços cuidadosos para modificar ou corrigir o que não gostam.

Baseado nisso, o corpo vem passando por fortes transformações em busca de uma perfeição idealizada e construída. Louro, Neckel e Goellner (2003), chamam essas transformações de utopia tecnológica do corpo. Essa utopia promove a indústria do *design* corporal a procura de liberdade em dispor de um sonho e modificar a aparência da forma que desejar. O corpo passa a ser modificado de acordo com a vontade do indivíduo, de trocar, refazer ou configurar a parte do corpo de sua escolha, passando a ter uma estrutura modulável. Torna-se cada vez mais difícil não se deixar seduzir pelas promessas de felicidade que um corpo maleável proporciona. Nos dias de hoje, a cultura do corpo enfatiza que cada um é responsável pela sua própria aparência. (Louro, Neckel e Goellner, 2003).

Os frequentadores de academias de musculação procuram uma forma ideal, perfeita e quase nunca estão satisfeitos com sua forma física. Sempre estão buscando algo a mais, querem aumentar a massa muscular, endurecer e modelar os músculos e perder gorduras. (Goldenberg, 2002).

Com base nesse ideal, há uma série de medidas a serem tomadas pelas pessoas que desejam modificar sua aparência. Muitas pessoas fazem regimes constantemente, escondem imperfeições por produtos cosméticos, exercitam-se e procuram recorrer a cirurgias para reparar alguma característica que não lhe agrade. Estas medidas dizem respeito, segundo o autor, a um motivo psicológico comum a todos, que é sentir-se melhor no corpo em que se

vive. No que se refere a esta perspectiva, faz-se necessário pensar em uma mudança da imagem si mesmo do que na mudança do corpo em si. (Castilho, 2001)

O *body building* carrega uma generalização da cultura narcísica e está revelada na multiplicação de academias de ginásticas, centros estéticos, spas, clínicas de beleza, entre outros, que seguem um padrão de beleza ligado ao emagrecimento e redução da flacidez. (Vilhaça e Góes, 1998). Como ressalta Le Breton (2003), o corpo é vivido como acessório da pessoa a ser submetido a um *desing* como a marca corporal, a cirurgia estética e o *body-building*. A pessoa procura modificar o corpo que se tem a fim de contemplá-lo ou torna-lo como deseja.

Os autores, Vilhaça e Góes, trazem também o conceito de *body modification*, baseada nas técnicas do *piercing*, tatuagem, esteróides, quanto na prática de cirurgias plásticas. Este conceito questiona as relações entre masculino e feminino, cultura e etnias. A modificação feita no corpo acontece como se fosse uma oposição à natureza e a anatomia.

Goldenberg (2002), expõe o *body building* e o *body art* e *modification* como formas de representação do eu. O contexto histórico no qual se insere nossa cultura encontra-se mutável e instável, já que os meios de produção de identidade estão enfraquecidos. O corpo passa então, a ser um meio de expressão ou representação do eu. O *body building*, “cultura da malhação”, se fundamenta em um trabalho sobre o corpo a partir de uma concepção de beleza e forma física. A *Body art* e a *body modification*, relacionadas ao uso de técnicas como tatuagens, *piercings* e até mesmo, a prática de *brandings* (marcas a ferro quente), trabalham o corpo como forma de arte e transformação. Le Breton (2003) considera que “o *body art* transforma o corpo abertamente no material de um indivíduo que reivindica remanejá-lo à vontade e revelar modos inéditos de criação.” (p. 28).

Com base nas práticas do *body-building*, vale ressaltar aspectos relacionados aos indivíduos que aderem a essa prática, conhecidos como: os *Body-builders*.

Os *body-builders* são conhecidos pela sua forma anatômica (excesso de massa muscular definida) exibida aos espectadores como um espetáculo. Também são reconhecidos pela forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez e balanço mecânico. Eles exibem seu corpo como objeto imponente saturado de massa muscular combinada com o deslocamento mecânico de seu corpo. A exibição desse corpo impõe-se ao olhar do outro. E para conseguir este corpo, os praticantes do *body-building* seguem hábitos totalmente voltados a sua forma física. Aderem ao uso de suplementos alimentares, freqüentam ginásios e livrarias, onde folheiam revistas especializadas em boa forma. (Courtine, 1995)

A televisão e o cinema, favorecem e incentivam esse estilo de vida. Frequentemente observa-se em alguns canais competições de *body-builders*, mostrando seus corpos inchados, bronzeados e lubrificadas de forma a exaltar seus músculos, mesmo que essa massa muscular não indique movimento associado à saúde dentro da prática esportiva. (*idem*)

É claro que para se obter um corpo delgado requer sacrifícios, como disciplina, convicção, intenso trabalho muscular, dietas nutricionais, entre outros. A anatomia perfeita, idealizada e almejada por muitos, não se obtém sem sofrimento. Courtine (1995), afirma que, “os *body-builders* são os *condenados* da aparência, submetidos a uma tirania do detalhe anatômico”.

V O CORPO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Homens e mulheres, desde a infância lidam com diferenças. Ambos possuem papéis diferenciados na sociedade e são moldados pela cultura para que executem seus comportamentos de acordo com o sexo imposto pela natureza. Existem idéias de que homens, por exemplo, não choram e agem sempre pela razão, enquanto as mulheres são mais emotivas e sensíveis, agindo de acordo com seus sentimentos. Desta forma, os modelos de gênero e suas relações serão tratados com base nas desigualdades entre masculino e feminino no que se refere ao corpo.

Quando se trata das relações de gênero, é de suma importância considerar as desigualdades entre os dois sexos, masculino e feminino, na percepção do corpo e no trabalho realizado para se conquistar o bem-estar através de uma forma física desejável, assim como, estabelecer relações com o outro.

A busca de beleza corporal, atualmente, alcança tanto o mundo das mulheres quanto dos homens, que também procuram esculpir seus corpos, encontrando pleno estímulo por parte das mulheres. O repameamento e a supressão de áreas proibidas e não-proibidas, a valorização e a erotização da topografia do corpo masculino pela mulher quebram tabus e criam uma espécie de espaço de exaltação do físico belo – o culto ao corpo – comum aos dois sexos (Queiroz, 1999).

De acordo com Goldenberg (2002), nas academias de ginástica pode-se perceber a clara distinção entre exercícios físicos destinados ao público feminino e ao público masculino. Isso acontece pelas peculiaridades físicas que a cultura dita como sinais de beleza. As mulheres buscam otimizar as regiões corporais que os homens consideram desejáveis, como, coxas, barriga com ausência total de gorduras e principalmente as nádegas, sendo assim, o glúteo, é a parte do corpo que mais preocupa as mulheres, seguida por diminuir o índice de gordura corporal.

Esta autora acrescenta que enquanto as mulheres priorizam os exercícios aeróbicos e as máquinas de musculação que favorecem essas partes do corpo, os homens fogem desses exercícios e aparelhagens destinadas às essas regiões corporais. Os homens buscam fazer exercícios que envolvam os ombros, braços, costas e peito, dão preferência às regiões superiores do corpo, diferentemente das mulheres que valorizam as regiões inferiores. (*idem*)

As mulheres buscam dois padrões de beleza, um relacionado à aquisição de massa muscular, o que pode-se chamar de mulher hipermusculosa e o outro está relacionado a

mulher hipermagra. O desejo das mulheres em adquirir um corpo hipermusculoso pode ser um indicativo de uma masculinização estética, que leva as mulheres a se comportarem como homens no processo de modelagem do corpo. Há uma admiração e aceitação do padrão estético masculino como ideal a ser atingido pelas mulheres. (Goldenberg, 2002)

A partir desse tipo masculino ideal de aumento de massa muscular, percebe-se de forma implícita a transformação simbólica ao que se refere aos papéis dos homens e das mulheres e a inevitável modificação das relações entre os sexos. (Courtine, 1995)

Nesse processo de busca pelo “corpo ideal”, nota-se uma forma de reprodução da dominação masculina. A percepção feminina em se tornar igual ao homem, valorizando a masculinidade como modelo ideal, perpetua a dominação masculina. Mulheres hipermusculosas ou magras, sem curvas, parecendo meninos, representam um modelo de estética que tem sido cada vez mais consumido pela mídia. (Goldenberg, 2002)

Fazendo uma ponte com a teoria psicanalítica, Freud (1914), salienta que antes da puberdade, as mulheres sentem-se masculinas e desenvolvem baseadas em modelos masculinos e quando finalmente alcançam a maturidade feminina, ainda anseiam por um ideal masculino. Ideal que segundo o autor “é de fato uma sobrevivência da natureza de menino que outrora possuíram.” (p. 96). Talvez isso explique o desejo das mulheres tornarem-se hipermagras, sem formas femininas, ao almejam um corpo sem curvas, um corpo parecido com o de meninos.

A magreza, o corpo feminino sem curvas se parece com o corpo de um menino, como se a vontade da mulher estivesse voltada ao desejo do homem, talvez uma busca incessante de se igualar a ele, como se a identidade feminina dependesse do masculino. Observa-se que a preferência masculina está relacionada a coxas grossas, seios fartos, bumbum empinado, etc. E mesmo assim, muitas mulheres investem todos seus desejos na cultura da moda, se esforçam para vestir roupas de medidas mínimas.

Para Wolf (1992), a preocupação obsessiva das mulheres por uma imagem “ideal”, com o objetivo de ser uma “beldade” a ser almejada pelos homens demonstra que a cultura atual continua sendo masculina. No entanto, observa-se atualmente que as mulheres muitas vezes desejam seguir um padrão de beleza não idealizado pelos homens, mas pelo mundo da moda, que se caracteriza pela magreza e pela ausência de curvas, embora esta moda também seja ditada por homens, sabe-se que muitos deles preferem mulheres com maior massa muscular e mesmo assim, as mulheres seguem o modelo ideal imposto pela moda.

Em contrapartida, algumas mulheres no interesse de agradar o gosto masculino, muitas vezes não seguem uma escala de exercícios voltados para o físico e para saúde da mulher e

exageram na realização de exercícios para aumentar a massa corpórea e em geral, acabam adquirindo um corpo masculinizado. Isso também, pode se tornar o avesso do gosto masculino que muitas mulheres desejam conquistar.

A beleza passa a ser amoral, uma ofensa às mulheres, que enquanto aprendem a ser “beldades” em uma cultura tipicamente masculina, sofrem conseqüências amorais que a cultura, em busca de uma moral, acaba excluindo-as de seus dilemas, como os preconceitos que as mulheres sofrem em decorrência de uma cultura patriarcal, onde os homens concretizam mais livremente seus desejos. Mesmo assim, a cultura leva as mulheres a se adequarem a um mito de beleza feminino. A mulher está fadada a possuir um corpo belo a se dedicar a ele ao invés de prestar esforços ao intelecto. (Wolf, 1992)

Com esse pensamento relacionado às mulheres, de que elas precisam unicamente, cuidar de seus corpos, nota-se uma subordinação das mulheres em relação aos homens. A mulher deve dar tudo de si para alcançar um corpo belo e desejável de acordo com as expectativas masculinas e deixar de lado seus planos intelectuais.

Por outro lado, o corpo masculino também vem sofrendo fortes modificações no decorrer dos tempos. Se antes, o corpo do homem era magro, pálido e lânguido, atualmente, vem surgindo cada vez mais à potência muscular e a idéia de transformação das formas corporais, constituindo um remodelamento do corpo. A partir dessa idéia de remodelar o corpo, há a idéia de metamorfose essencial ao *body-building*: “Você pode se tornar a pessoa que sonha ser, dizem os *body-builders*. Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido e fazer de você um outro.” (Sam Fussel, *apud* Courtine, 1995).

Segundo Courtine (1995), “O músculo é um rótulo de vigor e de saúde, isto é, de força moral”. O ideal do corpo do masculino musculoso segue a estética do volume muscular que demonstra a virilidade do sexo masculino. Os homens procuram afastar qualquer vestígio de feminilidade, não experimentam as emoções como forma de expressão do que sentem, pelo contrário, agem segundo o que aprenderam ao longo do tempo, de que devem seguir a lógica, o sentido racional das coisas. Experimentar algo que possa ferir sua virilidade é inadmissível, sentem-se frágeis e impotentes. O músculo demonstra força, sinônimo de masculinidade.

Outro aspecto a ser considerado dentro das academias é o fato de existir uma competição acerca da musculação, principalmente entre homens, que apesar de ser um esporte, não exige contato físico entre os competidores, nem há disputas, como partidas. A “competição” acontece através de comparações por intermédio de olhares que uma pessoa lança ao corpo do outro, sendo assim, a pessoa que conseguir obter um bíceps maior e um peitoral predominante estará ganhado a disputa. Essa tentativa de atingir o maior volume

muscular entre os “competidores” acaba sendo obsessiva, pois quem exibe os maiores músculos detêm o prestígio, que de acordo com os ideais de masculinidade, podem ser um sinal de virilidade. (Goldenberg, 2002).

Com explica a autora, parece existir entre os participantes de musculação uma imagem corporal do “macho”, como indicativo de masculinidade. O corpo verdadeiramente masculino deve exprimir sua essência: músculos, gestos e força que contraponha o feminino, relacionado à delicadeza, leveza e suavidade. Um corpo hipermusculoso é ícone da masculinidade e os homens estão presos a este ideal representado por eles mesmos.

Esse ideal de corpo hipermusculoso almejado pelos homens muito agrada as mulheres que não escondem sua preferência por homens “sarados”. Goldenberg (2000), afirma: “As mulheres consideradas bonitas pelo grupo investem no capital corporal para conquistar homens que representam a síntese da masculinidade”.

O ato da conquista masculina pressupõe, portanto, um desejo das mulheres em encontrar um homem másculo, símbolo da virilidade. Esses homens exibem seus músculos como troféus que o permitem usufruírem da companhia de várias mulheres, obtendo maior prestígio quando conquistam mulheres belas ou em maior quantidade delas. (Goldenberg, 2000)

No entanto, como diz Furlani (2003), atingir a perfeição corporal, os padrões estéticos de beleza não são garantia de felicidade e satisfação sexual. As relações afetivas envolvem atração física, mas também estão relacionados aos aspectos sentimentais de afinidade e sensibilidade afetiva.

Um corpo modelado não garante a perfeição de uma conquista amorosa para um relacionamento duradouro. A beleza corporal significa para algumas pessoas a garantia de encontrar alguém para se relacionar e trabalham seus corpos com base nesse objetivo, mas manter a relação por muito tempo requer outros investimentos no campo afetivo.

Com base nesses autores, pode-se perceber que a manutenção da masculinidade ainda está enraizada nos valores tradicionais de força física, sucesso, virilidade e impulso sexual incontrolável, que a sociedade admite com base na explicação de que existe algo natural, intrínseco ao homem, a fisiologia masculina. Já as mulheres, participam desses valores tentando encontrar um espaço dentro desse modelo de controle essencialmente masculino.

Cosméticos e produtos de beleza ganham mercado através da publicidade, que expõe a mulher como modelo de beleza, e pode influenciar seu psiquismo com a idéia de que além de ser bela, também pode se tornar mais feliz e satisfeita. Desta forma, a falta de cuidado consigo mesma e a negligência feminina com seu embelezamento são tidos como problemas

individuais que devem ser combatidos por elas mesmas. A falta de beleza torna-se uma escolha, uma responsabilidade da mulher para com ela mesma e esse tipo de pensamento, pode gerar problemas psíquicos. (Sant'Anna, 1995)

Antigamente a beleza era considerada um dom, uma providência divina, um presente dos céus e a falta de beleza era entendida como um arbitrariedade celeste. (San` t Anna, 1995). A mulher considerada feia estava fadada a aceitar seu destino. Na época, não existia a idéia de conquista individual, de lutar para mudar a aparência como existe atualmente, faltava intimidade com o próprio corpo. Hoje existe uma campanha de promoção da beleza, convencendo as pessoas de que basta o esforço pessoal para conseguir o que se pretende. Na maioria das vezes, o que se pretende é a realização de um sonho, de ser uma pessoa com todos os predicados desejáveis por ela em concordância com a opinião da sociedade.

O embelezamento torna-se parte do prazer feminino em cuidar do próprio corpo. A mulher cuida de si mesma e aprende a lidar com seu corpo, proporcionando-lhe satisfação. O uso de cremes e maquiagem, além de cuidar da aparência, está envolvido com o prazer de conhecer e sentir o próprio corpo sem sacrifícios. (*idem*)

O mesmo autor salienta que atualmente, “embelezar-se implica em afinar a escuta em relação ao próprio corpo. Uma escuta capaz de captar-lhe as verdades mais íntimas e de responder devidamente aos anseios inconscientes de cada mulher.”.

Almeja-se que hoje, o corpo precisa ser desvendado e a mulher, que antes se cuidava para marido, hoje procura servir-se a si mesma, se descobrindo e dedicando-se a própria aparência em benefício de si mesma.

VI AS BASES PSICODINÂMICAS E MOTIVACIONAIS DA BUSCA PELO CORPO PERFEITO

Thomas Bulfinch (2002), em seu livro intitulado, O livro de Ouro da Mitologia, expõe o mito de Eco e Narciso:

“Eco era uma bela ninfa, amante dos bosques e dos montes. Um dia, viu Narciso, Um belo jovem, que perseguia a caça na montanha. Apaixonou-se por ele, mas Narciso a desprezou. A crueldade de Narciso não se restringiu somente a esse caso, ele desprezou todas as ninfas.

Certo dia, uma donzela que tentara em vão atraí-lo implorou aos deuses que ele viesse algum dia a saber o que é o amor e não ser correspondido. A deusa da vingança ouviu a prece e atendeu-a.

Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados como os de Baco ou de Apolo, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto. Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. Esta fugiu com o contato, mas voltou em momento depois, renovando a fascinação. Narciso não pode mais conter-se. Esqueceu-se de todo da idéia de alimento e repouso, enquanto se debruçava sobre a fonte, para contemplar a própria imagem.

– Por que me desprezas, belo ser? – perguntou ao suposto espírito – Meu rosto não pode causar-te repugnância. As ninfas me amam e tu mesmo não pareces olhar-te com indiferença. Quando estendo os braços, fazes o mesmo, e sorris quando te sorriso, e respondes com acenos os meus acenos.

Suas lágrimas caíram na água, turbando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso exclamou: – Fica, peço-te? Deixa-me, pelo menos, olhar-te, já que não posso tocar-te.

Com essas palavras, e muitas outras semelhantes, atiçava a chama que o consumia, e, assim, pouco a pouco, foi perdendo as cores, o vigor e a beleza, que antes tanto encantava a ninfa Eco. Esta se mantinha perto dele, contudo, e, quando Narciso gritava: “Ai, ai”, ela

respondia com as mesmas palavras. O jovem depauperado, morreu. E, quando sua sombra atravessou o Rio Estige, debruçou-se sobre o barco, para avistar-se na água.” (pp.121-124)

Na contemporaneidade o culto ao corpo e a busca pelo corpo perfeito marcam de forma considerável o anseio das pessoas por atingirem esse ideal relacionado a constituição do eu e a formação da própria identidade. Sendo assim, torna-se relevante para a compreensão desse movimento, discutir com base nas concepções psicanalíticas a constituição do eu do sujeito. Para tanto, será apresentado o conceito freudiano sobre narcisismo e a descrição lacaniana de estágio do espelho.

Narciso enamorado por si mesmo e pela sua beleza não retribui o amor da ninfa Eco dedicado a ele. Consumido pela sua imagem refletida na água, morre castigado pela deusa da vingança a pedido de Eco. Narciso foi incapaz de amar o outro e essa foi a causa de sua condenação.

Paulo Nacker (1899) apud Freud (1914) descreve narcisismo como “a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual trata o corpo de um objeto sexual” (p.81). O narcisismo foi concebido como um complemento libidinal do egoísmo no sentido de se autopreservar. Trata-se de um investimento sexual na imagem do eu que vai ser organizadora do corpo.

De forma mais detalhada Freud (1914) explica que o narcisismo é um estágio de desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. O indivíduo em seu desenvolvimento, reúne seus instintos sexuais, antes voltados ao auto-erotismo, a fim de conseguir um objeto amoroso. Desta forma, começa primeiramente, a tornar-se a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso. Somente depois desse estágio, passa a escolher outra pessoa como objeto, de forma a estabelecer o amor objetal.

As primeiras satisfações sexuais das crianças são auto-eróticas com a finalidade de autopreservação. No início, os instintos sexuais saciam os instintos do ego e posteriormente tornam-se independentes. Os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que lhes prestam cuidados, como a mãe ou outra pessoa que a substitua, sendo este tipo de escolha objetal denominado tipo de ligação. (Freud, 1914)

Segundo Freud (1914), o sujeito tem originalmente dois objetos de amor: ele próprio e a pessoa que cuida dele, geralmente a mãe. O sujeito ao escolher ele próprio como objeto de amor, postula a existência de um narcisismo primário, comum a todos os sujeitos e essencial a formação do ego, mas em alguns casos o narcisismo pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.

Em contrapartida, pessoas que em seu desenvolvimento libidinal sofreram alguma perturbação, como perversos e homossexuais, adotam como modelos de objetos amorosos, seus próprios eus e não a mãe como objeto amoroso. Buscam a si mesmas como objeto amoroso e essa escolha objetal é denominada narcisista, postulando a existência de um narcisismo secundário. (*idem*)

No entanto, existe uma diferença no que se refere ao tipo de escolha objetal entre os sexos masculino e feminino. O homem exibe uma supervalorização do objeto amoroso que é originada no narcisismo primário e transferida para o objeto escolhido na vida adulta. Isso pode explicar porque uma pessoa apaixonada apresenta um estado que sugere uma compulsão neurótica, como se houvesse um empobrecimento libidinal do ego em relação a libido em favor do objeto amoroso. Enquanto, com as mulheres, na fase da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, que antes se encontravam em estado de latência, são responsáveis pela intensificação do narcisismo original, prejudicando o desenvolvimento da escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual de si mesma.

Freud (1914) salienta que as mulheres, principalmente as mais belas, “amam apenas a si mesmas, com a intensidade comparável ao amor do homem por elas” (p.95). Essas mulheres não estão destinadas a amar, mas a serem amadas, e o homem que por ventura preencher essa condição cairá em suas boas graças. A mulher na condição de ser conquistada, amada, esforça-se para manter-se bela e atrair o olhar do homem, enquanto ele, precisa parecer atraente para agradá-la. Com base nisso, pode-se explicar porque homens e mulheres procuram cuidar de si mesmos, trabalhando e modificando seus corpos para atrair o desejo e o amor do outro.

Segundo o mesmo autor, essas mulheres que se valorizam e amam apenas a si mesmas, exercem grande fascínio sobre os homens, não apenas por serem belas e possuírem valores estéticos desejáveis, como também, pelo fato de que “o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal” (pp.95-96). A auto-estima e a valorização do próprio eu pode ser indicativo de bons predicados e também é responsável por causar boa impressão. Pessoas com auto-estima elevada transmitem um sentimento relacionado a um modelo de completude, de bem-estar físico e mental que tanto atraem as outras pessoas.

O narcisismo de outra pessoa remete ao ideal e a perfeição de si mesmo que fora em algum momento reprimido. A pessoa amada é aquela que possibilita a pessoa que ama,

reconhecer-se ao se ver refletida nela. O belo ser é o que possibilita o sujeito se identificar como belo. Assim como Narciso, que apaixonou-se pela sua própria imagem refletida na água.

Atualmente, num tempo de extrema agitação e competitividade do mundo ocidental, as pessoas procuram, em seus semelhantes, saciar a falta, o vazio e a incompletude que os cercam. O narcisismo do outro causa a impressão de totalidade, de autocontentamento que tanto nos fascina e também demonstra a capacidade que a pessoa possui de eliminar qualquer vestígio que a diminua, que possa prejudicá-la, que de alguma forma, possa ameaçar seu eu, sua auto-estima. Como diz Freud (1914), “é como se os invejássemos por manterem um bem-aventurado estado de espírito.” O autor ainda acrescenta, que amar contribui para diminuição da auto-estima, enquanto ser amado aumenta esses sentimentos. A escolha objetual do narcisista tem a finalidade de ser amado e encontrar a satisfação perdida na infância. No entanto, como diz Kehl (1986):

Não existe objeto que satisfaça plenamente o desejo e é justamente por isso que ele não pára de renascer de cada pequena satisfação, de cada pequeno repouso: é justamente por isso que a vida é tensão permanente, é movimento permanente: o que não encontro aqui, vou buscar noutra lugar; se não encontro o absoluto, sigo perseguindo tudo o que se aproxima das minhas representações da perfeição. (p. 477)

Freud (1914) esclarece que embora o narcisismo funcione como uma defesa, como um recurso para evitar o adoecimento em algumas circunstâncias ele pode também promover a doença.

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso devemos começar a amar afim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. (p. 92).

O narcisismo como defesa acontece quando o narcisista retém a libido em seu ego sem desembolsar nada ao objeto. A libido é voltada a si mesmo e os instintos sexuais servem à autoconservação do indivíduo. Mas, se antes, como diz Severiano (2001), o narcisismo consistia num estado psíquico em que os investimentos objetais voltam-se ao ego, aludindo um evento em que o sujeito elege a si próprio como objeto de amor, o narcisista decide como último recurso para prevenir o adoecimento, amar, porque no caso de ocorrer alguma frustração, ele pode vir a adoecer.

A frustração e a diminuição da auto-estima pode ser tão difícil de ser suportada que o sujeito adoece e a opção de amar o outro torna-se uma possibilidade do sujeito não se deparar com suas fraquezas, com seu eu fragilizado. A crítica do outro sobre o eu pode ser demasiadamente pesada porque muitas vezes provoca a sensação de impotência e incapacidade para enfrentar a repressão de terceiros. Na maioria das vezes, é mais fácil aceitar o que é imposto de fora, como aceitar os valores do outro do que enfrentar os fantasmas que circundam a singularidade de cada um. Desta forma alguns valores são compartilhados coletivamente sem respeitar a singularidade do sujeito, como por exemplo, a busca por um corpo tido como perfeito e idealizado pela sociedade.

O sujeito ama uma imagem idealizada e o que se mostra diferente disso é difícil de ser aceitado. A imagem refletida no espelho é o que a pessoa aparenta ser, mas não o que ela realmente é. É mais fácil aceitar a aparência e fazer com que ela corresponda ao seu ideal do que se deparar com a frustração de ser diferente e, portanto desvalorizado, estranho aos olhos do outro.

Freud (1914) ressalta que a elevação da auto-estima tende a reduzir quando a pessoa se percebe na condição de humildade por estar apaixonada. Isso acontece porque a pessoa se priva de seu narcisismo que fora substituído pelo amor de outra pessoa. Nas relações afetivas, as pessoas comportam-se baseadas na opinião da pessoa amada. Tendem a esforçar-se para agradá-las nem que para isso tenham que abrir mão de seus ideais, de seu orgulho e das suas vontades. Abdicar de si mesmo em detrimento da pessoa amada, em alguns momentos, faz parte do jogo amoroso. O investimento no outro é capaz de provocar mudanças no próprio eu. Para tanto, as pessoas procuram se transformar para conquistar o outro e acabam esquecendo o que realmente faz parte delas, o que gostam e o que são.

O culto ao corpo pode estar relacionado a esse jogo amoroso. Trata-se de uma luta para obter o corpo perfeito no intuito de corresponder a pessoa amada, mesmo a duras penas, de correr o risco desse árduo esforço de conquistar a pessoa amada, não esteja condizente com a verdadeira vontade desse admirador e ainda pode sofrer as conseqüências de se sentir incapaz, com baixa auto-estima, se seus esforços para alcançar o ideal de beleza não forem suficientes para corresponder à expectativa da pessoa amada.

Freud (1914) esclarece que o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a um ego ideal. Considera que o sujeito na fase infantil, fixa um ideal em si mesmo e permanece em contato com seu ego real, mas com o tempo, com seu desenvolvimento, o sujeito começa a reconhecer idéias culturais e éticas como um padrão a ser seguido por si próprio, com base nas exigências impostas pelo meio externo. O sujeito ao vivenciar

experiências que satisfazem o amor próprio do ego e ao se entregar aos impulsos e desejos, é rejeitado pelo outro, de forma que essas experiências são abafadas e reprimidas pela consciência. Sendo assim, o ego ideal torna-se o alvo do amor de si mesmo, que antes na infância, era desfrutado pelo ego real. Baseando-se nessa idéia, Kehl (1986) comenta que:

Esse absoluto que foi a vida intra-uterina, e depois, definitivamente perdido, sobrevive e renasce sempre nas fantasias inconscientes. Se pudesse, o desejo nos conduziria de volta a fusão total com o ser amado: se pudesse. Mas não pode. Porque a realidade, nossa inimiga desde sempre, é também a contraposição à onipotência do desejo e nos obriga a barganha, o absoluto em troca de muitas, de infinitas outras satisfações não absolutas que podemos obter pela vida. A realidade é inimiga da satisfação absoluta do desejo, mas o princípio da realidade dentro de nós, aliado do princípio do prazer, nos ensina os caminhos da vida e para o amor em troca do abandono do narcisismo primário. É dessa brecha entre o tudo que se quer e aquilo que se pode que nascem as possibilidades de movimento do desejo, movimento que não cessa enquanto a vida não cessa. (p.477)

Freud (1914) acrescenta que “o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor” (p.100). Desta forma, o sujeito tem dificuldade para abdicar de uma satisfação desfrutada no passado. O sujeito não se dispõe a renunciar a perfeição narcísica de sua infância em que perturbado pela repressão de terceiros, não consegue manter aquela perfeição, e conseqüentemente, na fase adulta, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. Ele substitui o que projeta diante de si como sendo seu ideal, substituindo seu narcisismo perdido na infância.

Começando na infância, o sujeito busca um ideal do ego para não abandonar totalmente aquele amor narcísico desfrutado em um momento de sua vida. Amar o belo e a si mesmo a partir de uma imagem idealizada é uma forma de manter a perfeição outrora desfrutada. O sujeito projeta no outro, no espelho e na sociedade a sua imagem idealizada.

Esse ideal é desejado por todos, homens e mulheres que buscam a perfeição em si mesmos. O desejo e as pulsões voltam-se ao eu pela necessidade de satisfazer uma falta que antes não conheciam. A busca pelo corpo ideal corresponde ao anseio das pessoas em substituir o narcisismo experimentado na infância.

As pessoas procuram seguir um modelo de ego ideal para serem aceitas. Principalmente as mulheres, procuram corresponder as expectativas impostas pela mídia, publicidade e pela cultura machista de um ideal relacionado a aparência corporal. Internalizam esse ideal como uma fuga para não entrarem em contato com possíveis frustrações, com as imperfeições corporais nas quais todos estão intimamente envolvidos. Espera-se atingir a perfeição, o ideal, exalta-se o que é admirado como perfeito e único modelo de satisfação.

O ideal de beleza e de forma corporal é compartilhado pela sociedade que de certo modo impõe valores que as pessoas devem seguir. Segundo Freud (1914), o desenvolvimento do ego implica primeiramente no afastamento do narcisismo primário, que em decorrência disso tenta recuperar esse estado e provoca o deslocamento da libido em direção ao ideal do ego imposto de fora pela sociedade, pelos valores, princípios, normas, gerando satisfação quando esse ideal é realizado. Como Freud salienta, o ideal do ego tem caráter individual, mas também, está relacionado aos aspectos sociais e comuns a uma determinada comunidade.

A partir desta afirmação, torna-se interessante, avaliar os elementos compartilhados por uma comunidade em nome de um ideal. A sociedade compartilha hábitos, costumes, valores, idéias, entre outros aspectos, muitas vezes de comum acordo a grande maioria. O corpo e a sua forma também é um aspecto a ser considerado.

O culto ao corpo, o enamoramento a beleza corporal, o cuidado excessivo a ele e todos aspectos que contribuem para um comportamento compulsivo voltado a si mesmo no sentido de aprimoramento da beleza física, que, na maioria das vezes, passam despercebidos pela maioria das pessoas, deve-se ao fato de serem idéias e comportamentos aceitos e compartilhados pela sociedade.

Outra consideração teórica a ser destacada, é o conceito lacaniano de registro imaginário que corresponde ao conceito de narcisismo de Freud. A consciência e o sentido são registros do imaginário responsáveis pela identificação do sujeito com o outro. (Quinet, 2002)

A identificação do sujeito com o outro acontece a partir do olhar do outro lançado ao sujeito marcado pelas fantasias desse olhar. Deste modo, Lacan traz o conceito de estágio do espelho, como o momento inaugural da constituição do eu do sujeito, correspondendo ao conceito freudiano de narcisismo que o considera como uma etapa da constituição do eu do sujeito, que toma o próprio corpo como objeto pulsional. (Jorge, 2002)

O estágio do espelho, segundo Quinet (2002), corresponde a uma antecipação, através da imagem da unificação do corpo relativa a uma fase de imaturidade da criança. Como diz

Jorge (2002), A criança que ainda não fala, percebe-se inteira, prefigura uma totalidade corporal a partir da percepção de sua própria imagem no espelho. Essa percepção acontece acompanhada do olhar do outro que confirma essa imagem como verdadeira.

Como explica Severiano (2001), o narcisismo é contemporâneo porque remete a primeira estruturação do ego, responsável pela organização das pulsões fragmentadas na fase do auto-erotismo, que antecipa a constituição da auto-imagem do sujeito como totalidade integrada.

Se antes, no auto-erotismo, o corpo do indivíduo era desintegrado, fragmentado, despedaçado. No estágio do espelho, ocorre a unificação do corpo pela imagem do outro ou pela imagem do espelho. Ambas as imagens não se distinguem, como acontece com Narciso. As pulsões auto-eróticas migram para imagem do corpo do outro, na qual o sujeito se identifica para formar sua própria identidade. (Quinet, 2002) A partir do momento em que a criança entra em contato com a sua própria imagem no espelho se constitui em sua totalidade corporal.

Para Jorge (2002) o eu é imaginário e precisa do reconhecimento simbólico do outro. Salducci apud Jorge (2002) acrescenta que “para que a criança possa se apropriar dessa imagem, para que possa interiorizá-la, necessita que tenha um lugar no grande outro (no caso, encarnado pela mãe)” (p.45).

A mãe exerce um papel fundamental nesse momento de constituição do eu da criança. No estágio do espelho, a mãe coloca o bebê em frente ao espelho para que ele possa encontrar o seu próprio eu. Até então, a criança vê na imagem refletida no espelho outra criança e não consegue se perceber e identificar o seu próprio eu, mas a mãe mostra ao bebê, que a imagem que ele está vendo no espelho é ele mesmo e a partir desse momento a criança consegue ver o seu corpo como um todo e a se identificar com ele. Ocorre a indiferenciação entre seu corpo e o corpo de sua mãe, que antes eram unidos num só corpo, em uma relação quase simbiótica.

Quinet (2002) acrescenta que o contato visual da experiência entre o olhar e o espelho, não se separam, pelo contrário, derivam um do outro. Esse momento de encontro visual coloca em cena uma fenomenologia na qual o olhar toma lugar de destaque. O olhar vivido no estágio do espelho está relacionado ao olhar que vem ocupar o lugar do outro, por exemplo o lugar da mãe. A criança tenta ajustar a sua imagem a um eu ideal às reações do outro que ocupa o lugar do ideal do eu. O sujeito busca na imagem refletida no espelho a imagem ideal de si mesmo, a imagem bela, ideal para que o eu possa ser capaz de amar o que vê e amar a si mesmo.

No entanto, a imagem consiste em uma aparência e erro. A imagem refletida e retratada pertence à categoria do falso em um mundo sensível as ilusões de ótica, em que a imagem está relacionada a aparência de um “quase-não-ser”, enquanto a visão retrata o que realmente é. O olhar muitas vezes limita-se a aparência e pode se tornar algo de extrema importância para as pessoas que buscam modificar a aparência para conquistar a plenitude de corpo e alma, ou seja, procuram satisfazer-se a partir de uma imagem ideal, mas esquecem que a imagem refletida retrata um estado aparente da pessoa, mas não o que ela realmente é. A visão pelo contrário, abrange a totalidade do ser, do eu próprio refletido no espelho, de um estado pleno de bem-estar consigo mesmo. A aparência precisa ser elaborada para ser aceita pelo próprio eu, que somente a partir da consciência e do sentido, o sujeito se reconhece como um eu estruturado efetuado através da identificação com o outro.

Somente com a elaboração psíquica da matéria, do corpo, a pessoa reconhece a si mesma na imagem refletida no espelho. Por isso, a forma física precisa ser real aos olhos do sujeito e não uma transformação artificial para satisfazer um desejo que muitas vezes não é intrínseco a pessoa, mas uma conseqüência do externo, do meio ao qual a pessoa pertence. A mídia sugere um corpo ideal que pode não ser compatível com a essência do sujeito.

A formação do eu consiste na identificação com um ideal imaginário que estabelece a noção de todo, de unidade do sujeito. Esse ideal a ser almejado para dar sensação de completude pode ser comparado com a época atual, em que o sujeito busca o corpo ideal, formado sob medida, como se cada parte do corpo fosse um molde perfeito a ser perseguido por todos para integrar um corpo ideal. Para o sujeito se constituir e formar o eu ideal, busca adquirir o corpo perfeito como uma forma de realização do eu ideal.

Neste sentido, o eu se constitui pela imagem corporificada, unificada e total do corpo. A imagem refletida no espelho constitui o eu. “O mundo visual é narcísico: o espetáculo do mundo visual é o espelho do sujeito”. (Quinet, 2002, p.129). Há todo um cuidado corporal narcísico, um reconhecimento otimista do próprio corpo. As pessoas tentam o tempo todo encontrar no mundo visível a totalidade perfeita e imutável. Buscam a imagem digna de ser aclamada, mas o espetáculo é o espelho do sujeito, é ele próprio tentando se reconhecer como realmente é, unificado, completo e inteiro. A imaginação cria um ideal e a fantasia é responsável pelo desejo do sujeito, pelo o que ele almeja ser baseado em um ego ideal.

Segundo Lacan, aquilo que fica guardado no registro do imaginário, pelo contato do olhar com o espelho, constitui o que é visível do mundo e do campo da imaginação, a pulsão, o gozo do espetáculo. (Quinet, 2002). O mesmo autor afirma que o estádio do espelho é um momento de *insight*, de tomada de consciência. Para o autor, *insight* confere o caráter

narcísico a conhecimento do eu, que ainda é algo desconhecido, porque o eu se constitui a partir da projeção da imagem de si no mundo. O ideal é baseado na percepção do outro sobre si, que busca a aceitação desse olhar alheio.

Como ressalta Severiano (2001), o narcisismo é um momento inaugural da consciência do sujeito, quando ocorre a tomada de consciência de si e do outro, é quando o sujeito percebe-se separado do mundo externo e se depara de forma unificada, como uma unidade estruturada e independente, separado do que lhe é externo, dos outros sujeitos e dos objetos.

Segundo Quinet (2002), a imagem do eu comparada a imagem do outro através de uma identificação primordial pode tornar-se atraente aos olhos do sujeito, apesar desse semelhante, ser também um rival. O autor considera que:

A imagem como Gestalt, totalidade, mascara a falta introduzida no falante pelo simbólico. É a imagem que faz o Outro aparecer inteiro, a partir do ideal do eu, e faz o outro parecer semelhante e rival. Ela faz também aparecer o eu ideal como imagem do objeto do desejo. A imagem domina a aparência de nosso corpo, nosso eu, nossa imaginação e até mesmo nossos sonhos noturnos e diurnos. A imagem reina sobre as relações entre indivíduos no palco do mundo, e da mundanidade, em que, como num baile à fantasia, cada um se veste com sua persona. Por trás da máscara, não há nada. Brilha apenas o olhar: olhar-desejo; olhar da morte. (p. 126)

O outro responsável pela identificação do eu do sujeito torna-se rival ao se parecer semelhante e diferente ao mesmo tempo. A imagem vista no espelho como eu ideal vislumbra o sujeito que a deseja. Como acontece com Narciso que, consumido pela própria imagem, engana-se e apaixona-se por si mesmo. Pensava que aquela imagem era um belo espírito que o seduzia, mas não, era ele mesmo que morreu buscando o que tanto desejava.

A aparência, a imagem, domina o desejo do eu, que é capaz de apresentar um mundo perfeito, um eu ideal. A fantasia e a imaginação consome o sentido e a consciência do sujeito que acaba por mascarar o verdadeiro eu, o eu real. O sentido procura contemplar a essência do sujeito, mas a fantasia busca saciar a falta, mostrando ao sujeito a magnitude do belo, da imagem perfeita.

O ideal a ser atingido como objeto desejante movimenta a pulsão libidinal através do olhar. Essa imagem perfeita e ideal pode ser comparada ao que Quinet (2002) chama de *Eidolon*, que significa imagem simulacro ou ídolo, para traduzir as parições de objetos ou de

um ser, “as fantasias da alma e as imagens que vemos na água e nos espelhos” (p.125). O imaginamos torna-se real na imagem do outro.

O ídolo na figura do herói representa o ideal experimentado no campo da fantasia. O sujeito muitas vezes, procura alcançar na figura do herói a perfeição e o ideal que tanto almejam para ser alvo do amor de si mesmos.

Os narcisistas seguem um ideal e mantem-se inconscientemente fixados em um auto-objeto idealizado, ao qual continuam a desejar. São pessoas que buscam apoio e tentam extrair força numa figura onipotente como o herói. Admiram algum herói ou algum indivíduo de destaque e sentem-se parte dessa pessoa que idealizam. O narcisita costuma ver esse indivíduo como “mera extensão de si próprio” (Kernberg in Lasch, 1983)

Algumas pessoas no decorrer da história, tornaram-se verdadeiros mitos da beleza. Essas pessoas foram consideradas ícones da beleza, como por exemplo, as musas do cinema, como Sophia Loren, Marilyn Moroe, Greta Garbo, Elizabeth Taylor, entre outros. Pessoas que se tornaram ídolos, heróis a serem aclamados e a serem exemplo de um ideal a ser seguido e alcançado por todos.

Em contrapartida, Quinet (2002, p.126), explica que “o olhar, segundo Platão, jamais atinge o objeto e permanecemos irremediavelmente cortados do mundo que nos rodeia, a visão não traz, de forma alguma, um conhecimento universal do visível.” A aparência como foi dito anteriormente, engana. O que é universalmente aceito como belo pode também não corresponder ao verdadeiro eu, a imagem real. Desejar algo pode ser demasiadamente frustrante, às vezes deseja-se algo que não pode ser conquistado.

Como foi exposto no mito de Narciso, em que há o desejo de atingir o inatingível, a imagem que não pode ser tocada, apenas contemplada. “– Fica, peço-te! Deixa-me, pelo menos, olhar-te, já que não posso tocar-te.” As palavras de Narciso demonstram a angústia por não conseguir alcançar seu desejo pela imagem e atingir o prazer, apenas restando-lhe a frustração do inatingível. Como diz Quinet (2002), o mito de Narciso revela a junção de amor e morte que traduz a base narcisista de amar a si próprio através do outro, ama o outro que na verdade é ele mesmo.

Bidaud (1998) acrescenta que, de acordo com a teoria psicanalítica, o corpo é construído, elaborado psiquicamente. O eu deriva do biológico ao psíquico, do corpo real ao corpo fantasmaticado. Isso gera o símbolo, a aquisição da linguagem contemporânea que destaca o narcisismo e o reconhecimento da própria imagem no espelho.

O conhecimento sobre narcisismo pode valer para compreensão da situação atual em que a sociedade está inserida. O individualismo está ganhando força por causa das diversas e

intensas transformações que a cultura vem sofrendo. O sujeito total, unificado encontra o poder, o triunfo e a ilusão de domínio do seu corpo. O que Quinet (2002) chama de triunfo jubilatório, que na verdade, encobre a falta constitutiva do sujeito pela imagem. A imagem gera a ilusão de completude e domínio do corpo. O sujeito sente-se triunfante em relação ao mundo e a tudo que vê.

Pode-se dizer que na sociedade atual de consumo, o corpo é apropriado como mercadoria. O sujeito se dissocia do seu corpo e o usa como objeto a ser investido narcisicamente a fim de reapropriá-lo e personaliza-lo como patrimônio. Pode-se dizer que a sociedade de consumo dita a direção do desejo. (Baudrillard, 1970 in Severiano, 2001)

Na sociedade consumista na qual todos estão inseridos, torna-se cada vez mais difícil conciliar o que é seu e o que é do outro. Os desafios, as conquistas, as recompensas, os desejos, entre outros, podem ser elementos individuais ou compartilhados.

O indivíduo reprimido por normas e valores que regulam seu comportamento em decorrência de aspectos históricos, culturais e sociais, fruto de uma época que “atropela” a individualidade e não respeita as diferenças do sujeito, permanece fixo a um padrão de atitudes capaz de impedir seu livre arbítrio. O sujeito apresenta dificuldades para discernir o que é seu e o que é do outro, não consegue separar o intrínseco e pessoal do coletivo. A respeito disso, Kehl (1986), comenta que: “A repressão não cega o sujeito apenas para si mesmo: ela faz cego para o mundo, onde existe o risco permanente de ele deparar com algum representante daquilo que não pode nem ao menos saber que quer” (p. 483). A autora acrescenta que quanto mais o sujeito obedece às regras, menos independente e livre será para tomar decisões e fazer seu próprio juízo de valor, menos preparado estará para enfrentar os limites do mundo.

Seguindo esse pressuposto, nota-se que o individualismo latente desse período de transformações e agitações da sociedade consumista estão intimamente ligados a fatores comuns do dia a dia. A auto-estima, assunto bastante debatido, leva as pessoas a procurarem bem estar em si mesmas, por isso, pode-se pensar, na grande demanda a autoconservação do corpo.

VII OS ASPECTOS PSICO-SÓCIO-CULTURAIS DA BUSCA PELA PERFEIÇÃO CORPORAL

Como se sabe, o corpo, antigamente, era entendido unicamente como fruto da natureza. O corpo considerado por seu aspecto biológico, estava fadado às limitações de sua própria condição natural. Hoje em dia, o corpo é entendido como objeto a ser modificado, como um acessório do homem, no qual pode remanejá-lo segundo a sua vontade, apesar de estar inserido em um contexto cultural, onde ações e idéias são compartilhadas e avaliadas. Santaella (2003) enfatiza que “a cultura tende a ser padronizada. Ela envolve a repetição de comportamentos similares aprovados pelo grupo, de modo que ela tem uma forma e estrutura reconhecível.” (p. 44)

Partindo desse princípio, pode-se imaginar o motivo que leva as pessoas a procurarem um ideal de beleza. A busca pela perfeição corporal se justifica na consideração de que o corpo é visto como objeto a ser transformado e modelado de acordo com o desejo do indivíduo, que acontece por meio de um processo de construção psico-sócio-cultural envolvendo diversos aspectos pessoais e coletivos baseados no mesmo pressuposto.

No momento atual, compartilha-se a idéia de um padrão estético desejável em decorrência da autonomia conquistada pelo sujeito ao longo dos tempos. O indivíduo começa a ter domínio do seu próprio corpo, e transforma-o, como um instrumento a ser trabalhado e aperfeiçoado por ele mesmo. A intimidade do sujeito com o próprio corpo, nunca foi tão valorizada pela sociedade, como está sendo agora. No entanto, é importante para a compreensão desse processo, avaliar se o indivíduo domina ou é dominado pelo seu próprio corpo.

Sabe-se que o corpo é foco primordial na vida afetiva e social do sujeito. Como salienta Silva (2003), “o corpo é um modo de relação com o mundo.” (p.125). O corpo torna-se essencial e foco da questão existencial do indivíduo. Em outro trecho, o mesmo autor explica que “os organismos que se acoplam estruturalmente em unidades de ordem superior criam o seu próprio domínio de existência.”. O corpo torna-se responsável pelo sucesso ou fracasso de suas relações.

O sujeito depende do seu corpo para realizar seus planos, conquistar estabilidade emocional e principalmente, para pertencer a um grupo social. Le Breton (2002) ressalta que,

“é por seu corpo que você é julgado e classificado.” (p.31). Aquela pessoa que não se enquadra no padrão de corpo perfeito, possivelmente terá mais dificuldades para conquistar um espaço no meio social. Infelizmente a aparência física nos dias de hoje tem, na maioria das vezes, o poder de qualificar as pessoas com um rótulo do que é bom, positivo, ou do que é ruim, negativo. As pessoas tendem a fazer inferências sobre a aparência, considerando que pessoas belas, com boa aparência, possuem predicados desejáveis, e por isso, são aceitas na maioria das situações, em que precisam se integrar a um grupo.

Com base nessa questão, se as pessoas são dominadas ou não pelo corpo, faz-se necessário analisar a cultura da mídia que enfatiza a busca por um padrão inatingível de beleza. A forma física ideal é difundida pela mídia que trata o corpo como objeto de consumo, a ser investido pelo consumidor. A mídia explora o corpo a partir de manipulações psíquicas e por meio de um controle social massificado com objetivo de atender a demanda da indústria da moda, que vem crescendo cada vez mais. O sujeito, ao se deparar com uma série bombardeamentos de informações que promovem a idéia de corpo perfeito, muitas vezes, sente-se obrigado a se enquadrar no desejo coletivo de construção do corpo segundo o parâmetro imposto pela sociedade e pelos meios de comunicação.

Os apelos publicitários aproveitam-se de carências e necessidades psíquicas para, de certo modo, impor as pessoas a obrigação de se conquistar um corpo perfeito e a corresponder as expectativas de um padrão de beleza, que separa a aparência física de qualquer vínculo com o psiquismo. (Filho, 2003)

Desta forma, Santaella (2003), apresenta as novas realidades do corpo, uma delas denominada de corpo remodelado, caracterizado pela manipulação estética da superfície do corpo, por uma construção corporal que visa o aprimoramento físico, como por exemplo, a musculação, o *body-building* e a prática de cirurgias. Essas técnicas de remodelagem do corporal surgem com o objetivo de adaptação do corpo a padrões estéticos conjunturais.

Nessa condição, as pessoas, em sua maioria, optam por seguir dois parâmetros de beleza de comum acordo pela população. O primeiro e mais comum entre os homens, é a busca por adquirir um corpo hipermusculoso e o outro, está relacionado à conquista de um corpo magro e esbelto, comumente almejado pelas mulheres. Como afirma Le Breton (2003), “o corpo torna-se um empreendimento a ser administrado da melhor forma possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética.” (p. 32)

Convém pensar, que as pessoas buscam se adequar à categoria da beleza ideal, sendo, na maioria das vezes, incompatível com a realidade. Trata-se, da busca por um padrão inatingível de beleza. Por mais que a pessoa, trabalhe arduamente seu corpo para esculpi-lo

usando como base o modelo ideal, raramente estará plenamente satisfeita com o resultado. Com o avanço da tecnologia e do aperfeiçoamento de técnicas cirúrgicas voltadas para esse objetivo, é provável que apesar de não existir imperfeição genética que não seja passível de “conserto” pela cirurgia estética, sempre haja algum defeito ou imperfeição que desagrade o gosto estético da pessoa.

Além de tudo, essa busca pelo corpo perfeito pode gerar graves conseqüências psicológicas ao indivíduo, que na tentativa de obter a perfeição corporal, não consegue corresponder suas expectativas em relação depositadas em si mesmo. Algumas pessoas, em conseqüência disso, desenvolvem sérios danos à saúde, como anorexia e a bulimia. Entre as modelos essa realidade é muito comum. A forma de manterem-se na carreira, depende principalmente de seu corpo, que precisa estar “em forma” e corresponder às exigências da indústria da moda.

No que confere as diferenças de gênero, homens e mulheres, seguem critérios de beleza relacionados aos seus respectivos papéis na sociedade. Enquanto os homens buscam adquirir um corpo másculo, símbolo de vigor e virilidade, as mulheres procuram manter-se belas e magras. Filho (2003), diz que “homens e mulheres são diferentes em domínios psíquicos, e estes repercutem no comportamento social de forma distinta.” (p.72). Essa diferença, de ordem psicossocial, ocorre em favor da cultura machista, na qual, a sociedade ainda encontra-se enraizada.

Desde os primórdios, a figura feminina é vista como frágil, delicada e maternal, devendo submeter-se a vontade masculina. Antes dos anos 50, os conselheiros de beleza eram do sexo masculino, geralmente médicos e escritores moralistas, que aludiam a idéia de que “a aparência feminina deveria revelar a beleza de uma alma pura, condição para se manter o corpo lindo, belo e fecundo.” (San’t Anna, 1995, p. 125)

A dominação masculina exerce grande influência até hoje. A mulher conquistou seu espaço na sociedade à custa de enorme esforço. Em geral, é cobrada em seus diferentes papéis. Além de trabalhar, precisa manter-se sempre bela para agradar o marido, também, ter boa aparência é um requisito para, em alguns casos, manter o emprego e além disso, sente-se cobrada por ela mesma a preencher todos requisitos necessários para estar bem consigo mesma.

A moda ensina a mulher que ela precisa ser magra para atingir a categoria do belo, mas isso nem sempre pertence ao desejo masculino. A mulher por ela mesma vem conquistando sua liberdade para realizar-se plenamente consigo mesma. Busca seguir os

parâmetros da moda, e não mais, procuram se satisfazer realizando o desejo masculino de esculpir seus corpos ao bel prazer de seus companheiros.

O anseio das pessoas por conquistarem essa beleza idealizada socialmente, corresponde ao desejo de perfectibilidade humana que tanto seduz as pessoas. Há uma tendência em buscar a verdadeira identidade individual, o próprio eu, essencial à formação do sujeito. Como diz Santaella (2003), “trata-se da ânsia de estar a ser tão só e puramente eu mesmo, flagrante de uma imagem integral de si.” (p. 66). Em outro trecho, a mesma autora acrescenta que, “trata-se de um enigma de se conhecer a si mesmo que inevitavelmente nos aparece como um mosaico, colcha de fragmentos cujas formas, a cada instante de cada hora, incessantemente para reconstituir, reconstruímos.”

Como mostra o mito, Narciso morre, tentando alcançar a si mesmo no espelho das águas. A perfeição que tanto fascina Narciso, é a mesma que faz as pessoas buscarem o corpo perfeito, a imagem ideal, na tentativa de reencontrar a si mesmo que outrora fora completo. Como lembra Freud (1914), a pessoa parte em direção ao ego ideal, que na infância, se achava possuído de toda perfeição de valor.

A busca pelo corpo ideal é o que move o desejo das pessoas. Quem não deseja ser amado? Ser admirado? De repente, possuir o corpo perfeito faz parte da promessa de realização plena, da satisfação garantida, que tanto a mídia prega como central na vida do indivíduo. As pessoas são guiadas e manipuladas a fim de corresponder a um ideal de beleza compartilhado e impregnado de idéias coletivas que dão margem ao senso comum e a falta de senso crítico das pessoas. Como diz Silva (2003), “o que vejo é o corpo que quero: A beleza corporificada e imutável.” (p.121).

O sujeito em nome de um corpo perfeito esforça-se a qualquer custo para buscar no olhar do outro, a aceitação de si mesmo. A confirmação do outro é de extrema relevância aos que desejam saciar a falta constituinte da condição humana. A imagem idealizada compõe uma imensa gama de fatores psico-sócio-culturais que impulsiona o indivíduo a buscar o corpo perfeito. Aquilo que não preenche inteiramente a existência do sujeito é o que vai movê-lo em direção ao todo. A incompletude gera angústia e descontentamento que guiam o indivíduo a buscar um ideal e a encontrar seu próprio eu pleno e completo.

Santaella (2003) comenta que as pessoas estão passando por um momento de crise da subjetividade. A autora salienta que a subjetividade é uma construção e que esse processo de construção é complexo, já que antes, a subjetividade era sustentada pela ilusão de limites corporais. Hoje não há mais a ilusão de estabilidade, pelo contrário, o corpo humano é manipulado e remodelado na ânsia das pessoas conquistarem o bem-estar consigo mesmas.

Filho (2003) lembra que o investimento narcísico no corpo é diferente do narcisismo instituído pela indústria da beleza e do corpo perfeito. Sendo assim, no narcisismo sustentado pela indústria do belo, o que acontece é uma estratégia do mercado que sobrepõe ao sujeito, não obstante, algo que derive dos indivíduos, mas a mídia e a publicidade utilizam-se da moda calcada na aparência e no corpo ideal para suprir as carências humanas reais. A perfeição corporal vem arraigada de ilusões de satisfação, de auto-contentamento, de infalibilidade corporal e de uma série de fatores que encantam os homens falíveis, imperfeitos e frágeis pela própria condição humana.

CONCLUSÃO

A muito se sabe que o corpo revela a expressão do sujeito com o mundo e consigo mesmo, mas no momento atual, o corpo vem tomando forma e ganhando força para expressar-se de acordo com a vontade do indivíduo. Desta forma, o corpo possuído de autonomia é administrado segundo o desejo de seu dono. O corpo atualmente, é modificado, transformado e remodelado para atingir um ideal de beleza almejado pela coletividade. O corpo se produz culturalmente e o desejo de possuí-lo em sua perfeição envolve o anseio das pessoas em buscarem a plenitude e o bem-estar consigo mesmas.

O corpo assume uma posição central na vida do sujeito. Torna-se o principal responsável pela conquista e realização de sonhos pessoais. Sendo assim, o indivíduo projeta em seu próprio corpo todas suas expectativas e atribui a ele, seus sucessos e fracassos cometidos no cotidiano.

O culto ao corpo está em voga pela sua repercussão na vida das pessoas. Conseguir atingir o padrão desejável de beleza significa possuir valor, estima e predicados positivos. A mídia e a publicidade inserem a idéia de corpo perfeito e beleza corporal como uma condição para o sujeito alcançar benefícios nas suas diversas áreas de relacionamento social e afetivo. O controle social exercido pela mídia, faz-se a partir de manipulações psíquicas que ditam a direção do desejo humano com a promessa de supri-las de suas carências psíquicas.

Em seus diversos aspectos, o corpo é peça central a ser manipulada pelo indivíduo. A veneração pelo corpo ideal está relacionada à cultura machista ainda existente na sociedade, aos parâmetros da moda e aos padrões culturais de diferenças de gênero. Homens e mulheres são moldados em papéis estereotipados e definidos socialmente, e o corpo é claro, não está alienado a isso. O corpo possui significado sócio-histórico-cultural, relacionado às concepções de gênero. As diferenças entre os sexos se traduzem corporalmente, cada qual com seu significado. A idéia de papéis masculinos e femininos ainda encontram-se enraizados no passado.

É importante esclarecer que a idéia de corpo perfeito que tanto seduz as pessoas está relacionado à constituição do eu em sua fase de formação. O narcisismo que um dia foi experimentado na infância, se desloca em direção ao novo eu ideal munido de toda perfeição. Já na fase adulta, o sujeito descontente por renunciar a perfeição narcísica antes desfrutada, tenta recuperá-la sob forma de um novo ego ideal. Sendo assim, o sujeito tende a projetar no outro e na sociedade a sua imagem idealizada e tenta buscar a perfeição em si mesmos a partir de um corpo ideal. Como diz Lasch (1983), o narcisismo representa uma dimensão

psicológica de dependência. O narcisista depende dos outros para validar sua auto-estima e sentem necessidade de serem admirados. A figura do herói está intimamente ligado a constituição do eu que para se validar precisa da figura do outro, da identificação com ele para se estabelecer a diferença entre o eu e o outro. Para realização de seus desejos, as pessoas procuram seguir um modelo de eu ideal, de corpo perfeito para serem aceitas no intuito de saciarem sua carências e evitarem possíveis frustrações.

A condição humana pela sua própria fragilidade fica a mercê das imposições do meio. A estabilidade emocional tão desejada por todos leva as pessoas a seguirem padrões ditados pela sociedade. As pessoas se iludem com a idéia de corpo perfeito e buscam de qualquer forma atingir esse parâmetro de beleza que na verdade trata-se de um padrão inatingível. Como consequência disso pode surgir um egoísmo capaz de transformar pessoas em competidores natos. A sociedade visa o consumo, a disputa e a competição, responsáveis por gerar um sentimento de brutalidade que impulsiona o comportamento do sujeito em direção à realização do desejo, acima de tudo e de todos. Isso torna-se uma obrigação individual, perfeccionista que torna as pessoas onipotentes. Desta forma, a frustração, o erro, a imperfeição e o medo de lidar com as perdas, são afastados das pessoas, por ser cada vez mais complicado lidar com essas dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Alberoni, F. (1997). *O erotismo* (5th ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
2. Apfeldorfer, G. (1995). *Anorexia, bulimia, obesidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
3. Baudrillard, J. (2003). *A sociedade de consumo*. Lisboa: edições 70.
4. Bidaud, E. (1998). *Anorexia mental, ascene, mística: Uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
5. Bulfinch, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro.
6. Cabral, A. & Nick, E. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix.
7. Castilho, S. M. (2001). *A imagem corporal*. Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
8. Costa, N. M. (2003). “*Seu corpo, esse corpo que é meu...*”. In: Lyra, B. & Santana, G. (orgs). *Corpo e mídia*. São Paulo: Arte & Ciência.
9. Courtine, J. (1995). *Os Stakhanovistas do narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*. In: San’t Anna, D. B. (org). *Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. (pp.81-114). São Paulo: Estação Liberdade.
10. Crespo, J. (1990). *A história do corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand/Difel.
11. Cury, A. (2005). *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Sextante.
12. Filho, C. M. (2003). *Narcisismo, castração e sedução entre homens e mulheres*. In: Galeno, A., Castro, G. & Silva, J. C. *Complexidade à flor da pele*. (pp. 71-80). São Paulo: Cortez.

13. Freud, S. (1914). *Sobre narcisismo: uma introdução*. A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, *edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (vol.14). Rio de Janeiro: Imago.
14. Furlani, J. (2003). *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. (2th ed.) Belo Horizonte: Autentica.
15. Garcia, W. (2005). *Corpo, mídia e representação: Estudos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
16. Goldenberg, M. (2000). *Novos desejos: Das academias de musculação as agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record.
17. Goldenberg, M. (2002). *Nu e vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record.
18. Guareschi, P. A. (2001). *Comunicação e controle social* (4th ed.). Petrópolis: Vozes.
19. Jorge, M. A. C. (2002). *Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan, v.1: As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
20. Kehl, M. R. (1987). A psicanálise e o domínio das paixões. In Cardoso (org.), *Os sentidos da paixão*. (pp. 469-496). São Paulo: Companhia das Letras.
21. Lasch, C. (1983). *A cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
22. Le Breton, D. (1995). *A síndrome de Frankenstein*. In: San't Anna, D. B. (org). *Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. (pp. 49-67). São Paulo: Estação Liberdade.
23. Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus.
24. Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.
25. Louro, G. L., Neckel, J. F., & Goellner, S. V. (2003). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.

26. Queiroz, R. S. (1999). *O corpo do brasileiro: Estudos de estética e beleza*. São Paulo: Senac.
27. Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: Ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
28. Rodrigues, J.C. (1980). *Tabu do corpo* (2th ed.). Rio de Janeiro: Achiamé.
29. Santaella, L. (1996). *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento.
30. Santaella, L. (2003). *Culturas e artes do pós-humanos: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.
31. San't Anna, D. B. (2003). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade.
32. Severiano, M. F. V. (2001). *Narcisismo e publicidade: Uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume.
33. Silva, J. C. (2003). *O corpo se entretetece no olhar*. In: Galeno, A., Castro, G. & Silva, J. C. (orgs). *Complexidade à flor da pele*. (pp. 121-131). São Paulo: Cortez.
34. Shaw, I. S. (2003). *O corpo feminino na propaganda*. In: Lyra, B. & Santana, G. (orgs). *Corpo e mídia*. São Paulo: Arte & Ciência.
35. Wolf, N. (1992). *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Rocco.